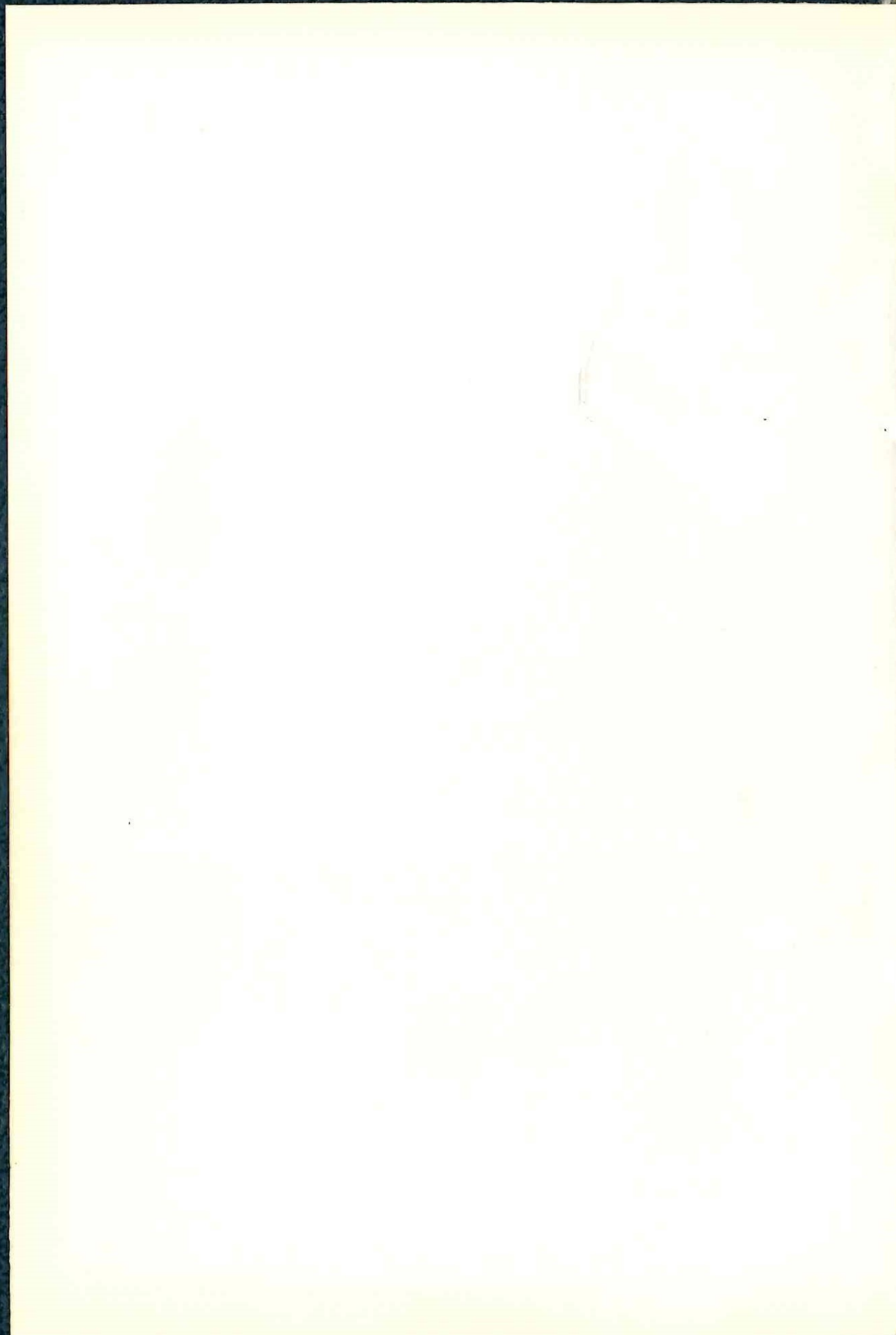




69.12)





O MONTE DA FRANQUEIRA

BARCELLOS

Descripção do Monte e sitio do Convento do
Bom Jesus do Monte da Franqueira, noticia do antigo
Castello de Faria e da Capella de Nossa Senhora da
Franqueira que estão Junto ao Convento

POR

Fr. Francisco de S. Thiago

*(Extracto da Chronica da Santa Prov. de Nossa
Senhora da Soledade)*



BARCELLOS
LIVRARIA VALLE
1909

O MONTE DA FRAQUEIRA

RAIOELOS

Paraphrase do Monte e do Convento do
Bom Jesus do Monte da Franqueira, notitia do antigo
Archiepiscopo de Faria e da Capella de Nossa Senhora da
Franqueira que estão junto ao Convento

POB

FR. FRANCISCO DE S. THOMAS

Archiepiscopo de Faria e da Capella de Nossa
Senhora da Franqueira



RAIOELOS
LIT. MARIA VALLA

1808

O MONTE DA FRANQUEIRA

*Composto e impresso na Typographia «Minerva» de Gaspar Pinto
de Sousa & Irmão, Villa Nova de Famalicão.*

O MONTE DA FRANQUEIRA

(Barcellos)

Descripção do Monte e sitio do Convento do Bom Jesus do Monte
da Franqueira, noticia do antigo Castello de Faria e da Capella de Nossa
Senhora da Franqueira que estão junto ao Convento

POR

Fr. Francisco de S. Thiago

(Extracto da Chronica da Santa Prov. de Nossa Senhora da Soledade)



BARCELLOS
LIVRARIA VALLE

1909



O MONTE DA FRANGUEIRA

1890

Desenho de António de Almeida
e Francisco de Almeida
e Francisco de Almeida

Em Franço de S. Thiago

Duas palavras do Editor

Por muito tempo hesitei se sim ou não deveria dar á luz o presente opusculo.

Porém, todas as vezes que lançava os olhos para aquelle monte, denominado da Franqueira, ao sudoeste d'esta villa, distante cerca de tres kilometros, afigurava-se-me ouvil-o exprobrar asperamente não só aos habitantes d'esta antiga e nobre villa de Barcellos, mas tambem aos de todo o seu concelho, o abandono, e quasi esquecimento a que, ha tantos annos, o lançaram, a elle que se orgulha de haver, lá da sua pitoresca cumiada, presenciado factos que tanto abrilhantam a nossa historia, e possuir ainda reliquias da mais remota antiguidade, como a ermida de N. Senhora da Franqueira, o convento dos frades com a sua linda egreja, onde se venera a historica imagem do Senhor da Fonte da Vida, etc.

Alem de possuir actualmente estas duas preciosidades, tambem se póde ufanar de, em tempos remotissimos, haver existido na sua encosta o memoravel Castello de Fa-

ria, em cujo recinto, para vergonha dos Municipios de Barcellos, não existe outra memoria, alem de um moinho de vento, levantado pelo actual proprietario, para sua utilidade.

Esquecido o Castello de Faria, pela falta de uma lapide ou qualquer outra memoria commemorativa no local da sua existencia, e mesmo de uma narração descriptiva que ainda muito resumidamente falle d'aquelle Castello á geração actual, veremos igualmente desaparecer no abysmo insondavel do esquecimento o exemplo inimitavel de lealdade ao seu rei que ás gerações futuras deixou aquelle Attilio Régulo portuguez, Nuno Gonçalves de Faria, alcaide e governador do dito Castello.

Foi o caso que, vendo-se um dia esse governador, no tempo da guerra que D. Fernando de Portugal trazia com D. Henrique de Castella, obrigado a entregar o Castello ás tropas castelhanas, por quem fôra vencido em um recontro, ou a morrer ás mãos do inimigo, preferiu deixar-se mor-

rer, como morreu, da morte mais cruel, mas aconselhando sempre a seu filho, Gonçalo Nunes de Faria, que, sob pena da sua maldição, não entregasse o Castello *a mais pessoa alguma, senão a el-rei, seu senhor*, ou á ordem do mesmo.

Ora, vendo quanto os povos d'aquellas freguezias circumvisinhas e muitos outros do concelho, desejam saber a historia da ermida da Senhora da Franqueira, convento e egreja do Senhor da Fonte da Vida e do Castello de Faria, e, como não lhes é facil a aquisição de obras que a tal respeito lhes forneçam mais ou menos esclarecimentos, já pela sua raridade, já pelo elevado preço por que se vendem essas poucas que apparecem, resolvi desmembrar da excellente «Chronica da Santa Prov. de N. Senhora da Soledade» esta narração descriptiva.

Se este volumesinho, com as escassas informações que vae fornecer aos barcellenses, augmentar entre elles o numero dos admiradores de tão pitoresco local e chamar a

sua attenção para o bellissimo, encantador e deslumbrante panorama que d'ahi se patenteia, tambem sem duvida ha de convencil-os da necessidade de se tornar mais facil o accesso ao cume d'aquelle formoso monte, por meio de uma estrada mais commoda para os povos do norte, e este será como que o precursor de outros muitos melhoramentos a seguir.

São estes os mais ardentes desejos do

EDITOR.

Convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira

CAPITULO I

Descripção do Monte da Franqueira e sitio do Convento

Faz David particular menção em o Psalmo 103 da região Libanica e do monte Libano, um dos principaes da terra da Promissão na Tribu de Neptali, do qual mostra Adricomio nascerem tantas fontes, que dellas procedem sete caudalosos rios, e entre elles o afamado Jordão, que tem seu nascimento de duas fontes, uma chamada *For*, e outra *Dan*, das quaes ajuntando-se as aguas, dão o nome ao rio. Outro é o que nos Cantares se chama *Fonte dos Jardins*, porque rega todos os da Provincia, por onde passa. Os campos da terra circumjacente são muito férteis, e até de pastos para os gados, que ali se apascentam; é a terra tão abundante, que della se levavam os animaes, que se haviam de sacrificar no Templo de Jerusalem, por serem os melhores de todas as mais partes. As arvores, que vestem toda aquella região Libanica, como

cedros cheirosos, e outras muitas, são muito altas e crescidas, porque, como são regadas com as aguas de tantas fontes, nestas bebem á sua vontade. Nas arvores se recolhem, e fazem seus ninhos muita variedade de passaros, e aves do Ceo, que recreiam aos ouvintes com a variedade de seus suaves cantos: *Saturabuntur ligna campi, et cedri Libani, quas plantavit; Herodii domus dux est eorum; montes excelsi cervis, petra refugium herinaceis.*

Tudo o que ali descreveu o Psalmista com os olhos na região Libanica, compete com proporção neste Reino á Provincia de Entre Douro e Minho, porque no arvoredado vestido de verde, na espessura das suas sombras, na frescura e fertilidade da terra, na copia dos fructos, no grande numero de fontes e rios, que a regam, na abundancia dos pastos, nas aves e passaros, que se criam nella, nos elevados montes com altos penedos para refugio dos coelhos e lebres, de que é abundante, e em tudo o mais convém muito com a região Libanica, e por isso com razão lhe podemos chamar o Libano Lusitano, e dizer della o que S. Jeronymo disse da terra da Promissão: *Nihil nemorosius, nihil densius.* Os altos e frondosos cedros deste Lusitano Libano, no entender do douto Le Blanc sobre as mesmas palavras do Psalmo são os Mosteiros e Conventos innumeraveis de Religiosos e Religiosas que nelle ha, e as aves são estes Religiosos e Religiosas, que nelle nidificam e moram, produzindo infinita multidão de virtudes, sendo Jesus Christo a ave Herodio seu Capitão e guia, a quem tributam continuos louvores e obsequiosos cultos. Um dos principaes montes desta deliciosa Provincia de Entre Douro e Minho é o alto chamado da Franqueira ao Sudoeste da notavel Villa de Barcellos, que, qual Libano correndo para o Sul á vista do mar Oceano, que lhe fica distante pouco mais de duas leguas, nelle da parte

do Norte se vê plantado o mystico cedro, fragrante em santidade, com o nome de Santuario da Provincia, o nosso Convento, cujo Titular é o Bom Jesus.

São tantos, ou pouco menos, os Autores, quantas as opiniões de onde foi a região de Ofir tão celebrada nas Divinas Letras. Flavio Dextro fallando do martyrio de S. Pedro de Rates, primeiro Arcebispo de Braga, diz assim: *Floret memoria Sancti Petri Ratensis Martyris primi Bracharensis Episcopi, qui occisus est anno 45 ad Ratem oppidum Braccarorum in regione Ophirina á nepotibus Ophir illic appulsis nomen obtinente.* Vem a dizer, que naquelle tempo, em que escrevia a sua historia, era mui celebre a memoria de S. Pedro de Rates Martyr e primeiro Bispo de Braga, que foi morto no anno do Senhor de 45 em Rates, logar dos Bracharenses, na região Ofirina, assim chamada dos netos de Ofir, que alli vieram aportar. Favorecem esta opinião algumas pessoas doudas em materias de antiguidades, dizendo, que do rio Cavado, passando o Douro a toda a Comarca da Feira, corria a Provincia Ofirina, assim chamada, e nomeada em foraes antigos, de que ha memorias na Torre do Tombo deste Reino de Portugal. E sendo assim, vem a ficar nesta região Ofirina o nosso Convento do Monte da Franqueira, o qual monte finaliza na freguezia de Courel, de cujo fim não fica muito distante a Villa de Rates, onde foi martyrisado S. Pedro, primeiro Arcebispo de Braga, que por isso se chama de Rates, por ser alli o logar de seu martyrio.

Contra esta opinião argúem os oppugnadores das obras de Flavio Dextro, confessando o martyrio de S. Pedro em Rates, mas negando que Rates esteja na região de Ofir, celebre nas Divinas Letras, onde cada anno vinham carregar as náos de Salomão de madeiras preciosas, ouro e

pedraria finissima para o Templo de Jerusalem, allegando que taes cousas não ha no tal logar. Mas aos taes responde o Illustrissimo Arcebispo D. Rodrigo da Cunha na Historia Ecclesiastica de Braga, que Flavio Dextro nunca disse ser terra de Ofir, em que S. Pedro de Rates foi martyrisado, aquella mesma, a que Salomão mandava as suas náos pela riqueza de seu commercio, ouro e pedraria, que dalli levavam: só disse, que se chamava Ofir dos netos de Ofir, de quem faz menção Moysés no Genesis, e o Autor do Paralipomenon, os quaes alli aportáram na divisão das linguas, povoando aquella Provincia, e dando-lhe o nome de seu avô. Nem a isto encontra o dizer a Sagrada Escripura, que Ofir, e seus irmãos, filhos de Jectam, bisneto de Sem, filho de Noé, fizeram sua habitação de Messa até Safar, monte do Oriente, porque bem podiam lá habitar, e seus netos virem povoar no Occidente este districto, entrando pela barra do rio Cavado, ou de outro porto maritimo desta costa do Oceano, como veio Thubal, filho de Jafeth, e neto do mesmo Noé, povoar Setubal.

E ainda se quizermos que a terra de Ofir, de que fala Dextro, e a da Sagrada Escripura seja uma mesma, podemos dizer, que se ao presente se não vem por entre Douro e Minho, ou pelo Condado da Feira as madeiras preciosas, as pedras, ouro, e mais riquezas, que se carregavam nas náos de Salomão, as houve nesses tempos antigos, como testificam muitos Autores; e ainda nestes annos uma legua para o mar distante do Monte da Franqueira na chamada Lagoa Negra se abriu uma mina, em que se tirou finissimo ouro, que se não continuou por ser rocha muito dura, e ser excessivo o gasto para se continuar. O mesmo tem succedido em outras minas, que nesta Provincia de Entre Douro e Minho se abriram. E no Thesouro Real deste Reino se acha um sceptro de

ouro finissimo, e do mais subido quilate, que El-Rei D. Diniz mandou fazer do dito metal tirado em um rio deste Reino. E ainda quando as ditas riquezas não fossem proprias da terra, podiam ser de carregação de outras partes, e em alguns dos pontos desta costa, que pertencesse á região de Ofir, se tornassem a carregar para a Palestina como hoje vemos nas Cidades de Lisboa e Porto, carregar as riquezas vindas do Brasil e India; e assim não vão fóra de caminho os Autores, que nesta terra puzeram o Ofir de Salomão: podem-se ver as razões a este intento em Bivar e outros.

Tambem não vão fóra de razão os que derivam o nome da terra da Feira da outra parte do rio Douro da terra de Ofir, que alli se concluia. Póde-se pois jactar a Provincia de Entre Douro e Minho de conter em si a região Ofirina, celebrada nas Divinas Letras, povoada pelos netos de Ofir, onde padeceu por Christo o primeiro Martyr das Hespanhas S. Pedro de Rates, primeiro Arcebispo de Braga, e nella resuscitado, e posto pelo Apostolo Santiago Maior, e sepultado no mesmo lugar do martyrio por S. Felix, primeiro Eremita do universo, com um seu sobrinho, o qual fazendo vida eremitica no alto do monte de Laundos, onde se vê a sua Ermida, vendo umas luzes no lugar, onde os inimigos de nossa Santa Fé tiraram a vida ao Santo Arcebispo, lhe foi dar sepultura. Fica o monte de Laundos á parte Occidental da Villa de Rates, não muito longe d'ella, e tambem não muito distante do monte da Franqueira: e nelle vivia vida eremitica o dito S. Felix pelos annos do Senhor de 46, mais de duzentos annos antes que no mundo existisse S. Paulo, a quem a Igreja chama primeiro Ermitão, por ser o Mestre e Autor da vida eremitica, como lhe chama S. Jeronymo; mas isso não tira que houvesse, como houve, quem antes

d'elle buscasse os desertos para viver vida de Anacoreta; e a este S. Felix são dedicadas as Igrejas, que os Portuguezes chamam S. Fins por corrupção do nome de Felix.

CAPITULO II

Dá-se noticia do antigo Castello de Faria, e da Capella de N. Senhora da Franqueira, que estão junto ao Convento

Junto ao muro da cerca do nosso Convento á parte do Sudoeste, em uma porção do Monte da Franqueira, em um cabeço mais obra da natureza, que da arte, se eleva o antiquissimo e afamado Castello de Faria, solar dos principaes Farias d'este Reino, de fôrma regular de fortaleza inexpugnável daquelles antigos seculos, da qual se não veem mais que as ruinas e fundamentos, porque ao tempo nem ainda os mais fortes Castellos resistem, tudo acaba, e consome. E' derivado tambem o nome de Faria da região Ofirina, em que existe. Ao pé do dito Castello á parte do Sul está a freguezia tambem chamada de Faria, que foi Villa, como consta de uma certidão publica tirada da Torre do Tombo, a qual é hoje uma fraca Aldea, que tanto póde o tempo, que a umas terras levanta, e a outras abate. Attribue-se a fundação do Castello e Villa de Faria aos Francos, hoje Francezes, que em alguma das muitas vezes que vieram a este territorio, deviam alli fortificar-se e ter algum successo notavel, que

lhes perpetuou a memoria, dando o nome á serra da Franqueira. Foi cabeça de Condado, cujo titulo logrou D. Gonçalo Telles de Menezes, Alcaide Mór de Coimbra, progenitor dos Condes de Cantanhede e irmão da Rainha Dona Leonor, mulher de El-Rei D. Fernando unico do nome. Já antes de Portugal ser Reino, existia este Castello de Faria; porque, quando por morte do Conde D. Henrique se senhoreou o Conde de Trastamar das terras de Portugal, diz o Conde D. Pedro, que o Santo Rei D. Affonso Henriques ganhára os Castellos de Neiva e Faria, e d'alli começára a recuperar com armas o perdido. Neste Castello de Faria se achava o mesmo D. Affonso Henriques, sendo ainda Infante, quando ao Mosteiro de Manhente, que era de Monges Benedictinos, fez couto, divisando por marcos e balisas as terras que lhe coutava, o que hoje pertence ao Religiosissimo Convento de Villar de Frades da Sagrada Congregação de S. João Evangelista.

No tempo do acima referido Rei D. Fernando de Portugal, estando em viva guerra com D. Henrique Rei de Castella, se viu a Cidade de Lisboa cercada e abrazada pelos Castelhanos, e no mesmo tempo entrou por Entre Douro e Minho, Pedro Rodrigues Sarmiento, Adiantado de Galiza, e chegou correndo a terra até á Villa de Barcellos. Para pelejar com elle se ajuntáram muitos Fidalgos d'aquella Provincia com gente, que puderam ajuntar, e foram vencidos estes. Era ao mesmo tempo Alcaide e Governador do Castello de Faria, Nuno Gonçalves de Faria, Senhor de Menhais, o qual deixando no Castello a seu filho Gonçalo Nunes de Faria com gente, que tinha de presidio, sahiu ao campo com a da Villa de Barcellos a ajudar aos seus naturaes, porem chegou a tempo, que os Castelhanos os tinham já desbaratado; e voltando sobre Nunes Gonçalves, o venceram, prendendo-o e carregan-

do-o de ferros. Vendo-se este assim preso, disse aos Castelhanos que o levassem ao pé do Castello, que elle diria e persuadiria a seu filho que o entregasse. Assim o fizeram; e chegando ao pé do muro do Castello e chamando por seu filho, com animo valoroso e esforçado, cheio de lealdade e honra, estimando mais perder a vida que a sua honra em monoscabo e ser desleal a seu Rei e patria, lhe disse: *Bem sabes, filho, como este Castello me foi dado por El-Rei D. Fernando, e d'elle lhe dei pleito e homenagem; mas por minha desventura sahi hoje d'elle, cuidando que nisso o servia. Meus inimigos me trazem aqui, para que te diga que lho entregues; mas porque eu não posso fazer isto, guardando a lealdade que devo, por tanto te mando sob pena da minha maldição o não entregues a pessoa alguma, senão a El Rei meu Senhor, ou a quem Sua Alteza por seu certo recado o mandar.*

Ouvindo isto os Castelhanos, e tendo-se por escarnecidos, mataram a Nuno Gonçalves alli logo na presença do filho, feia e indecentemente, a punhaladas, e o fizeram em pedaços. Ditosa e honrada morte: *Quàm pulchrum, e quàm decorum pro patria mori!* Não foi isto no illustre Portuguez morrer, foi viver, e na memoria dos homens perpetuar-se por todos os seculos. Sempre nos annaes da fama viverão os Filenos Africanos, que se deixaram enterrar vivos por dilatar os limites da sua patria. Morreu Nuno Gonçalves de Faria pela patria e pela fidelidade devida a seu Rei, mas vive por gloria e viverá para sempre na memoria dos homens, e não menos seu filho Gonçalo Nunes de Faria, que valorosamente defendeu o Castello, como seu pae lhe mandou, e depois de alguns dias de sitio retiraram os Castelhanos. Por esta illustre façanha acrescentaram seus descendentes o escudo de suas armas, fazendo o campo d'elle vermelho por memoria do sangue

que este fiel Capitão alli derramou, e entre as cinco flores de liz de prata, que seus ascendentes tinham por armas em aspa, assentaram o Castello de prata com portas e frestas de preto, e a flor do meio puzeram em cima vermelha, ficando tres flores em chefe e duas em faxa, e ao pé do Castello um corpo humano despedaçado. Toda esta acção heroica relatam as Historias do Reino e especialmente se póde ver nas Chronicas de El-Rei D. Fernando.

O dito Gonçalo Nunes de Faria, sendo depois juntamente Senhor de Azurara, Pindelo e Fão, por mercê de El-Rei D. João I, se fez Clerigo e foi Abbade de Santa Eulalia de Rio-Covo, termo da Villa de Barcellos, succedendo na casa de seu pae seu irmão Alvaro de Faria, de quem procedem os Farias de Barcellos e os mais d'este Reino. Ao pé do Castello de Faria, para a parte do mar, está a freguezia que chamam de Milhazes, da qual se diz que tomou o nome de milhares de gente que morreu na referida batalha com Galegos e Castelhanos, ainda que o Autor da Corografia Portugueza não quer assentir a esta opinião e tem para si que o tomou de outra muito mais remota, e que seria quando os Romanos, ou outras nações, conquistaram estas terras; e bem podia ser que fosse da que o tomou a freguezia de Rio-Tinto, que lhe fica distante meia legua para o mar, a qual tiveram Christãos com Mouros, sobre o rio Cavado, no sitio que chamam o Poço da Batalha, onde indo-se retirando os Mouros, os Christãos os foram carregando em forma, que já muito distantes d'onde principiaram o choque, os acabaram de vencer, onde corre um pequeno rio, que se mette no Cavado, cujas aguas cresceram e se tingiram com sangue de mortos e lhe ficou o nome de Rio-Tinto e á freguezia, que é onde acabaram. O mesmo podia ser de Mi-

lhazes no mesmo tempo de milhares de Mouros que alli se mataram.

Quasi ao Oriente do Castello de Faria e ao Sul do Convento, pegando do muro da cerca d'elle, se eleva o cabeça mais eminente e alto da serra da Franqueira, com subida assaz ingreme de toda a parte, do qual se descobrem muitas terras remotissimas e muito dilatada parte do mar Oceano, vistas todas e horizontes que fazem aquelle sitio muito agradavel e deleitoso. Vê-se este monte coroado com o antigo e magnifico Templo de Maria Santissima com o titulo da Franqueira, tomado da serra em que está. Neste monte se vê esta soberana Senhora exaltada como cedro no Libano, e parece ser aquelle de que fala o Profeta Ezequiel, plantado em um monte sublime, debaixo do qual e á sua sombra habitam e nidificam as aves do Céu, que são os nossos Religiosos no entender de Le Blanc. E' este Santuario muito celebre em toda a Provincia de Entré Douro e Minho e muito frequentado com contínua romagem assim da Villa de Barcellos, como das mais circumvizinhanças. O titulo da Franqueira convem muito á Mãe de Deus pela generosa liberalidade com que alli franqueia os beneficos por mar e por terra a todos os que alli a buscam e a ella com fé recorrem.

Attribue-se a primeira fundação desta Capella ao grande Egas Moniz, Aio do primeiro Rei de Portugal o Santo D. Affonso Henriques; e é de crer seria quando o dito Principe assistia no Castello de Faria, sendo ainda Infante, e póde ser fosse á imitação de outra que da mesma Senhora e com o mesmo titulo da Franqueira, que consideramos mais antiga, tambem de muita devoção e concurso, ha no Reino de Galiza, junto á Villa de Ribadavia, a que assistem os Religiosos do grande Patriarca S. Bento. Tambem por se verem as armas dos Pinheiros no corpo da

Igreja se attribue a sua factura a D. Diogo Pinheiro, Bispo que foi do Funchal, primeiro Commendatario do Mosteiro de S. Simão da Junqueira e Prior de S. Salvador de Pereiró, em cujos limites está este Santuario e é hoje Vigaiaria do Collegio da Companhia de Jesus da Cidade de Braga; e se chama S. Salvador de Pereira por distincção de um logar que lhe fica perto, chamado Pereiró, que pertence á freguezia de S. Paio do Carvalhal. Este D. Diogo Pinheiro era natural da Villa de Barcellos, descendente de Tristão Gomes Pinheiro, Fidalgo honrado de Galiza que assistiu á factura dos muros e torres da dita Villa, por mandado do primeiro Duque de Bragança D. Affonso, que juntamente lhe deu autoridade para na mesma Villa fazer perto do Paço umas casas com duas torres, obra magnifica, que ainda hoje existe onde se chama o Terreiro. O Autor da Nobiliarquia Portugueza attribue a factura do dito corpo da Igreja de N. Senhora da Franqueira a Dom Rodrigo Pinheiro, Bispo que foi do Porto, o que julgamos ser equivocação, por este ser tambem e proceder da mesma Casa dos Pinheiros de Barcellos, porém mais moderno, ainda que tambem poderia accrescentar na dita Igreja alguma obra ou reparal-a.

O frontispicio da mesma Igreja fez ao moderno nestes annos com sua torre e sino grande, que se ouve em todos aquelles contornos, um Brasileiro devoto da Senhora. Já no anno de 1415 era muito celebre este Santuario de Maria Santissima; porque expugnando nesse anno El-Rei D. João I a Cidade de Ceuta em Africa, achando-se com elle seu filho illegitimo D. Affonso Conde de Barcellos e primeiro Duque de Bragança, sepultado em o nosso Convento de Chaves, fez este trazer para o dito Templo por tropheu da victoria e memoria do favor que a Senhora lhe fizera naquella occasião, em que se viu em grande

aperto com os Mouros, uma pedra de finissimo jaspe, em que comia Collubencayla, senhor daquella Cidade, o que consta de um livro antigo pertencente á mesma Igreja da Senhora, no qual se acha escripto o seguinte: *Este Duque D. Affonso, filho bastardo de El-Rei D. João o Primeiro, foi na tomada de Ceuta, e no despojo mandou arrancar quinhentas columnas de marmore dos paços de Collubencayla, e trouxe de lá uma meza de marmore muito fino, onde o dito Collubencayla comia, e a mandou pôr em uma Igreja de Barcellos no Altar de Santa Maria da Franqueira, Ermida de grande romagem. E o Conde de Benavente, o velho, pai do que era, no anno de 1525 dava a D. Diogo Pinheiro, Bispo do Funchal, Primaz das Indias, e Prior de S. Salvador de Pereiró, um Pontifical de bordado rico, porque lh'a dêsse, e elle mandou dizer, que lh'a não daria pelo seu Condado.*

Das quinhentas columnas trouxe o Duque doze para os seus Paços de Barcellos, das quaes hoje não ha noticia: outras doze mandou El-Rei seu pae para o Convento de Santa Catharina da Carnota, sobre as quaes se armaram os arcos do claustro. A pedra da meza é de finissimo jaspe todo de uma côr, não muito branco, mas resplandecente: tem sete palmos de comprimento, tres e meio de largo e de grossura dois dedos. Serve de ara ao Altar maior e está firmada pela parte de deante em tres columnas do mesmo jaspe, redondas e delgadas á proporção da meza: supponho que terá outras tres pela parte ulterior, o que se não pôde ver sem desfazer o Altar. O Autor do Santuario Mariano accrescenta a esta pedra mais um palmo, dizendo que tem oito, mas é porque a não mediu. Também não sabemos com que motivo diz que esta Casa da Senhora é Parochia, cousa que não consta, nem de memorias nem de tradição alguma, tendo dito que ella está nos

limites da freguezia de S. Salvador de Pereiró, e nunca se viu uma Parochia nos limites de outra, nem freguezia sem freguezes.

A Imagem miraculosa e antiga da Senhora é a que está no Altar collateral da parte do Evangelho : não sabemos o motivo que houve para se tirar do Altar maior, e pôr nelle outra com o mesmo titulo da Franqueira, a qual se festeja na primeira Oitava da Paschoa da Resurreição. No anno de 1558 dois devotos Barcellenses erigiram naquella Igreja uma Confraria com o titulo da Senhora das Neves, venerando a Imagem antiga e miraculosa, a qual ficou com este titulo das Neves e com este se festeja no seu dia a 5 de Agosto com grande concurso. Obtiveram de Roma os ditos dois devotos um Breve de Indulgencias concedidas á Igreja e Confraria da Senhora por tempo de dez annos; não se tornou a renovar o dito Breve, que estes são os accidentes que costumam dar na fervorosa devoção. O mesmo succedeu á Confraria, que chegou a ser tão grande, que tinha Irmãos de todo o Arcebispado de Braga e de fóra d'elle; e posto que durou muitos annos, hoje ninguem sabe a que folhas vae e só d'ella se acha o livro. *Omnia tempus alit, tempus rapit, usus in arcto est*, cantou Nemesiano; e Ovidio: *Tempus edax rerum, tuque invidiosa vetustas, omnia destruitis*.

CAPITULO III

Principio e fundação do Convento

Sentença foi do famoso Seneca, que não ha melhor vida, de maior liberdade e mais livre de vicios, do que a que deixados os povoados se buscam os bosques e os desertos. E' a vida solitaria, segundo S. Basilio, escola da celestial doutrina e disciplina das artes Divinas: é o ermo morte dos vicios e vida das virtudes, hypotheca dos mercadores do Céu, ditoso commercio, onde se trocam as mercadorias terrenas pelas celestiaes, as transitorias pelas eternas. Fala Deus pelo Propheta Oseas com uma alma mettida no tráfego do mundo e engolfada em as suas enganosas delicias, e diz, que a levará a um desterro e que ahi lhe falará ao coração. Isto é, segundo A' Lapide, o que o mesmo Senhor diz por Ezequiel, que lhe dará um coração novo e um espirito novo. Para lhes dar um novo espirito e um novo coração, levou Deus ao deserto do Monte da Franqueira aos primeiros habitantes do sitio, onde hoje se vê o nosso Convento, que desejosos da salvação de suas almas, seguindo o conselho do Propheta Jeremias, fugiram do meio da Babylonia e vieram áquelle logar viver vida solitaria, trocando as riquezas terrenas pelas celestiaes e as transitorias pelas eternas.

Chamavam-se elles Vicente o Pobre e Catharina Afonso, eram naturaes e moradores na Cidade do Porto,

ricos de fortuna e para se fazerem mais ricos dos bens da graça, seguindo o conselho de Christo no Evangelho, distribuíram todos os seus bens aos pobres, ficando verdadeiros pobres de espirito. Havia naquelle tempo em Portugal uns pobres chamados da vida pobre, que já em outras partes tinham havido, os quaes tomavam por vida guardar a pobreza, que para muitos é morte, vivendo em Oratorios, que eram como Conventos, ou separados em Ermidas pelos montes, mas não tinham Regra approvada pelos Summos Pontifices, senão só os Compromissos, regimentos e fórma de viver, que elles mesmos faziam, conforme o seu espirito. D'esta qualidade eram os Ermitães da serra de Ossa e de outros Oratorios. Para seguirem esta vida pobre sahiram da Cidade do Porto os dois bons casados Vicente o Pobre, que da vida santa que buscou tomaria o sobrenome e sua consorte Catharina Affonso no anno de 1429, e achando no Monte da Franqueira lugar accommodado ao seu destino, fundaram naquelle deserto umas pobres casas terreas e uma Ermida com o titulo do Bom Jesus, pondo nella a Imagem do Senhor crucificado no sitio onde hoje na cerca do Convento se vê uma pequena Capella de N. P. S. Francisco perto da fonte que alli ficou para memoria do primeiro logar onde esteve o Convento, e nestes nossos tempos para aquella parte se chama vulgarmente o *Mosteiro velho*, de que ainda cavando se acham vestigios.

E' este sitio em um terrapleno e espaçoso ao largo Oriente do Castello de Faria e ao Norte da custosa subida para o mais alto da serra em que está a Igreja de N. Senhora da Franqueira. Não sabemos de certo os annos que alli viveram os dois Veneraveis consortes, só nos consta que Vicente o Pobre ainda era vivo no anno de 1476, em que El-Rei D. Affonso V concedeu a elle e a

seus successores, privilegio para mandarem pedir esmola por dois homens no Arcebispado de Braga, Bispado do Porto e administração de Tuy, o qual privilegio foi passado em o primeiro do mez de Julho do dito anno em obsequio de N. Senhora da Franqueira, de cujo culto cuidadosamente elle tambem tratava. O poderoso exemplo de suas virtudes e disposição de sitio tão accommodado para a contemplação e vida solitaria lhes grangearam successores na Ermida e no louvavel modo de viver d'estes dois virtuosos casados. Quando os nossos primitivos Padres entraram naquelle sitio, que foi no anno de 1505, já não acharam outra noticia da d'estes Veneraveis Fundadores mais que na mesma Ermida do Bom Jesus a sua sepultura, e em uma pedra que a cobria o letreiro de letra gotica, que diz: *Aqui jaz Vicente o Pobre e Catharina Affonso, que partiram da Cidade do Porto era de 429, e fundaram este logar, o qual letreiro se vê hoje á parte direita de fóra da porta da Igreja do nosso Convento, onde o gravamos quando mudamos o mesmo Convento e para elle conduzimos os ossos dos ditos Fundadores e no corpo da Igreja d'elle lhe demos honorifica sepultura; e porque o tempo e a gente que nelle entrasse, não gastassem as letras da pedra que na Ermida antiga os cubria, para que se não perdesse a memoria d'elles, se poz a dita pedra no sobredito logar, onde hoje a vemos.*

E' certo que o letreiro falla do tempo da vinda áquelle logar dos dois Veneraveis Fundadores e não da occasião da sua morte, porque o manifestam as palavras d'elle, e ainda no anno de 1476 era vivo Vicente o Pobre, como acima deixamos referido. Nem obsta o dizer *Era de 429*, que sempre é o anno de 1429; porque não obstante El-Rei D. João I no anno de 1422 mandar extinguir a era de Cesar, de que até áquelle tempo se usava, e contar

pelos annos do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, a cada passo estamos encontrando escripturas feitas depois do dito Rei com o nome *Era*. E para diminuirmos do anno de 1429 os trinta e oito annos, que se devem diminuir da conta de Cesar, é dar a Vicente o Pobre uma idade excessiva até o anno de 1476 e dar-lhe de vida trezentos annos, pouco mais ou menos, contando os que viveu na Cidade do Porto antes de vir para o Monte da Franqueira e os que viveria depois do dito anno. Quanto mais, que de vinte e dois para vinte e nove não vão mais que sete annos, tempo mui propinquo, em que se não tinha totalmente deperdido o costume do vocabulo *Era*, pois ainda hoje o não vemos totalmente extincto nos escriptos, pelo que parece fallam com menos acerto os que dizem que aquella *Era* é de Cesar e não anno do Nascimento de Christo. O faltar-lhe o mil é porque naquelle tempo commummente se suppunha e não escrevia: assim o estamos lendo em muitos e varios escriptos.

Com menos verdade, seguindo a certo Chronista pouco affecto á nossa Santa Reforma, que assim o innuiu para nos chamar Ermitães, e nós nos prezariamos muito de o ser da Mãe de Deus, se a sua innuição fôra verdadeira, escreveu o Autor do Santuario Marianno, fallando da Senhora da Franqueira, e dizendo, que os Veneraveis Vicente o Pobre e Catharina Affonso fizeram casas de residencia para si e seus companheiros, no alto onde está o Templo da Senhora, e que d'isso apparecem ainda hoje vestigios, e que os nossos Padres Claustreaes alli moraram ao depois, e depois d'estes nós até nos mudarmos para o sitio, onde hoje vivemos, e que a pedra, que esteve na sepultura dos ditos Vicente o Pobre e Catharina Affonso, se embutira na parede da Igreja da Senhora. Não negamos que Vicente o Pobre e sua consorte Catharina Af-

fonso, tivessem particular cuidado do culto da Senhora da Franqueira, que lhe ficava perto da sua residencia; mas que elles fizeram casas e residencia no alto, onde está o Templo da Senhora, isto é contra o que expressa o leitreiro, que diz: *E fundaram este logar*, que vem a ser o de sua sepultura, que se achou na Ermida do Bom Jesus, onde temos dito que ficava distante antes de subir a ultima e mais custosa ladeira para a Igreja da Senhora: alli é que fizeram as casas e Ermida, alli residiram até á morte e alli foram sepultados, não em cima no alto onde está a dita Igreja.

Os vestigios de casas que se veem junto á Igreja da Senhora, umas foram de romagem, quando era mais populosa e frequentada e as outras, que hoje estão renovadas, foram de outros Ermitães mais modernos, dos quaes em o nosso tempo nos lembra morarem alli dois dos que andam pelos povos com a xareta, ou caixa da Imagem ao pescoço pedindo, de cuja qualidade não eram Vicente o Pobre e sua consorte, nem os seus successores, que só eram Eremitas da vida pobre dos que viviam vida solitaria nos desertos. Se Vicente o Pobre e seus successores, e depois os Padres Claustres, e depois d'estes os nossos Religiosos, assistissem no alto, onde está a Igreja da Senhora, algum Chronista da Ordem, dos que falam do nosso Convento do Bom Jesus do Monte e os Autores Reinicolas, que falam da Senhora da Franqueira, o haviam de declarar: não era tão pouco conhecida e venerada a Mãe de Deus naquella seu Monte; mas antes o contrario se lê nelles. A pedra com o referido leitreiro está desde o tempo que se tirou da sepultura dos ditos Fundadores, onde hoje se vê, e não na parede da Igreja da Senhora, como os dois Autores com menos verdade escreveram. Mais diz o escriptor do Santuario Marianno, que nós mudamos o

Convento para o sitio onde hoje nos conservamos junto á Villa de Barcellos e lhe démos o titulo do Bom Jesus de Barcellos por differença de outra Ermida do districto da mesma Villa, que tem a invocação do Bom Jesus do Monte. Tudo isto é menos verdade, porque o Convento está pouco distante do primeiro sitio e meia legua distante da Villa de Barcellos. O titulo do *Bom Jesus* o tem de sua primeira fundação, e em todo o districto de Barcellos não ha outra Ermida com a invocação do Bom Jesus do Monte. Este Autor, deixando a verdade que viu, escreveu o que leu na paixão alheia.

Depois da morte dos Veneraveis Fundadores vieram os nossos Padres Claustreaes para aquelle sitio e com a sua vinda se extinguiram de todos os Eremitas que alli viviam. Diz o referido Chronista, que esta vinda dos Padres Claustreaes para aquelle logar seria no anno de 1497, sem ter para assim o dizer mais fundamento que o seu entender. Mas o certo é que o anno da dita vinda sepultou o tempo no chãos do esquecimento, como fez ao em que elles entraram no Convento de Chaves e o em que tambem entraram ou fundaram o de Azurara, que todos juntamente foram d'elles e passaram para nós. Viviam elles no Convento de Azurara, que fica distante tres para quatro leguas, ainda mais apertados no sitio, do que nós hoje o possuimos; e como eram muitos, determinaram fazer no termo da Villa de Barcellos um Recolhimento, onde alguns d'elles habitassem e d'alli com a sua diligencia acudissem com o provimento necessario para ajuda da subsistencia dos que estavam no Convento; e como o referido sitio do Monte da Franqueira era muito accommodado ao seu intento, vieram a elle e junto da Ermida do Bom Jesus refizeram, accrescentaram e compuzeram as casas em melhor forma regular, muraram uma dilatada

cerca e alli se recolhiam de ordinario cinco ou seis, e d'alli sahiam a fazer a diligencia necessaria para se sustentarem a si e ajudarem a sustentar os que viviam no Convento de Azurara, e alli existiram até que aos nossos primitivos Padres foi dado aquelle sitio.

CAPITULO IV

Reedificação do Convento

Tambem os grandes e egregios escriptores se enganam muitas vezes no que escrevem: assim se enganaram o Illustrissimo Gonzaga e o famoso Annalista Wadingo, e depois d'estes todos os que os seguiram em dizer que o nosso singularissimo Protector D. Jayme, quarto Duque de Bragança, nos edificara o Convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira, sendo certo que á instancia do mesmo Duque, por ser em terra sua, o deu aos nossos Padres primitivos o Mestre Fr. João de Chaves, Ministro Provincial da Clastra, juntamente com o de Chaves e Santa Rita, como deixamos escripto, o que confirmaram o Summo Pontifice Julio II por seu Breve passado em Roma a 7 de Janeiro de 1508 no quinto anno de seu Pontificado, e o Ministro Geral de toda a Ordem Serafica Fr. Rainaldo Garcia por sua Patente passada da mesma Curia Romana a 13 de Fevereiro do mesmo anno. Attribute o dito engano o R. P. Chronista da nossa Santa Provincia da Piedade, aos informes que se deram ao Illustrissimo

Gonzaga; mas na nossa mão temos os proprios que se lhe deram e estes dizem que o Duque D. Jayme nos dera o Convento do Bom Jesus de Barcellos (que é o do Monte da Franqueira) e não que o edificara, e é verdade que o deu, porque, segundo a regra de Direito Canonico, *qui facit per alium, est per inde, ac si faciat per se ipsum*, mas deu-o já edificado. Diz mais o mesmo Padre Chronista, que o mesmo engano lêra nos Memoriaes da Provincia da Soledade. No tempo que o dito Padre imprimiu a sua Chronica, tinha esta nossa Santa Provincia da Soledade poucos annos e os Memoriaes que tinha eram os da sua da Piedade, e nelles o que lemos é o que elle diz e nós dizemos, que o Duque nos dera o Convento já edificado.

Assistiram alli os Padres Claustreaes até o anno de 1505, no qual tomamos posse d'aquelle logar, que elles de boa vontade nos largaram. Nas mesmas casas e Ermida, que elles nos deixaram, sem accrescentar nem diminuir nellas cousa alguma, vivemos cincoenta e oito annos, até que no de 1563, por serem as paredes de taipa antigas e estarem arruinadas, D. Henrique de Souza, ultimo Commendatario do Benedictino Mosteiro de Rendufe, sujeito muito compassivo e caritativo para com os pobres e necessitados, reedificou o Convento no sitio onde hoje se vê, distante do primeiro um largo tiro de mosquete para a parte de Noroeste, sendo Ministro Provincial o R. P. Fr. Jeronymo da Guarda, Confessor da Infanta D. Izabel, Ministro Geral da Ordem Serafica o Reverendissimo P. Fr. Francisco Zamora e Summo Pontifice Pio IV. Não ficou no primeiro sitio mais que uma Capellinha muito estreita com a Imagem de N. P. S. Francisco por memoria, a qual ainda hoje permanece, e das ruinas do Castello de Faria veio a pedra necessaria para as obras do novo Convento. Ficou este de paredes mui fortes, mas tão pequeno, e conforme

a santa pobreza, que parece uma das primeiras Casas que no principio da Ordem fundou N. P. S. Francisco. No anno de 1678, sendo Ministro Provincial o R. P. Pregador Fr. João da Barca, se reparou este Convento no que se achava damnificado e depois se tem feito nelle varias obras, entre as quaes se accrescentou um dormitorio pequeno no anno de 1708, sendo Ministro Provincial o R. P. Mestre Fr. João de Santa Eulalia de Rio-Covo e Guardião do Convento o P. Fr. Manoel de Villa Nova de Fimalicão, Confessor.

Sempre este Convento do seu primeiro principio o seu Titular foi o Bom Jesus Crucificado, cuja Imagem se venera na tribuna do Altar maior e se festeja no primeiro dia de Janeiro que é o da Circumcisão. Junto á porta do Coro, da parte da varanda do claustro, no lugar onde se costuma prover o Officio, estava uma Imagem do mesmo Senhor Crucificado (ainda em o nosso tempo) que mostrava muita antiguidade, tal que podemos presumir seria do primeiro sitio do Convento: era toda de cortiça virgem, muito fechada, com boa encarnadura e tinha quatro cravos, dois nos pés e dois nas mãos, na fórma que vemos em outras Imagens antiquissimas, e era de bastante estatura. A Igreja d'este Convento é pequena, mas muito perfeita e devota: nella o Altar privilegiado perpetuo, segundo a concessão do N. SS. P. Benedicto XIV, é o collateral da parte do Evangelho de N. Senhora da Conceição. Tem este Convento dilatada e espaçosa cerca, mas não tão dilatada como era antigamente no tempo dos Claustres, que comprehendia outra tanta terra, do que ainda se descobrem vestigios do muro d'ella, e por toda a circumferencia que occupava, se puzeram marcos para divisa, dentro dos quaes se plantaram soutos de carvalhos, castanheiros e sobreiros, que fazem aquelle sitio agradável e menos agreste.

Comprehende a cerca que hoje tem o Convento o primeiro sitio de sua fundação, onde por memoria está a Capellinha de N. Padre S. Francisco, em cujo logar cavando se descobrem vestigios do seu fundamento e ainda d'aquella parte por fóra do muro chamam os circumvizinhos o *Mosteiro velho*. Tem esta cerca muito boas hortas e um excellente pomar de variedade de frutas, ornando-a em varias partes latadas de uvas para comerem os Religiosos. A maior parte d'ella é matta, que fórma um amenissimo bosque de carvalhos, castanheiros e outras arvores silvestres, com muito altos e grossos pinheiros, que fazem o sitio pomposo. Está este bosque repartido em ruas e caminhos, que o Presidente do Convento com os seus discipulos tem cuidado de trazer limpos e varridos, como tambem as Capellinhas que nelle estão. E' grande a variedade de aves e infinito o numero de passarinhos, que com sua natural musica e suave melodia, em todo o tempo alli estão convidando, e particularmente nas madrugadas da manhã despertando os Religiosos aos louvores Divinos, como fieis companheiros naquella soledade. Finalmente visto de fóra o sitio do Convento é horroroso por deserto e solitario, entre montes e penedos, mas entrando nelle se apresenta um alegre e ameno paraíso.

Tem dentro na cerca fonte de boa agua nativa, tão antiga, que julgamos ser do tempo dos primitivos Fundadores, por estar no sitio onde fundaram. A esta se vem ajuntar outra melhor agua, que de fóra em maior abundancia se conduziu ha menos annos, sendo Ministro Provincial o R. P. Mestre Fr. Manoel de Castello-Branco Ferrão e Guardião do Convento o R. P. Fr. Manoel do Porto Neves, Confessor, a qual depois poz em melhor fórma o Guardião Fr. Domingos de Monte-Alegre, ou de Salto, Confessor, sendo Ministro Provincial o R. P. Prégador Fr. Estevão de

Coimbra, e fez a famosa fonte com seu pateo, escadas e frontispicio com a Imagem de Santo Antonio, que serve aos Religiosos no verão do melhor recreio. D'esta fonte vem a agua por canos de pedra para o serviço da cozinha e lavatorio: vem tambem a um vistoso e espaçoso jardim de flores, em cujo lado, fazendo frente ao Convento, se vê uma Capellinha muito asseada e nella a melhor flor da vara de Jessé Maria Santissima na sua mysteriosa Imagem da Conceição Immaculada. Do outro lado está formada uma alta fonte da sobredita agua, feita de pedra de canteria bem lavrada, e no seu frontispicio a Imagem de N. P. S. Francisco. D'esta fonte vem a agua a um bem feito chafariz, que está no meio do jardim, e d'aqui com a que sobeja das officinas se ajunta em um grande tanque de pedra, com que se regam as hortas. Tambem parte d'esta agua antes que chegue ás officinas vae sahir ao terreiro fóra da Portaria em duas bem feitas bicas, uma de uma parte e outra da outra da porta da Capella do Senhor da Vida, que a adornam singularmente, e serve de beneficio aos romeiros, que vem ao mesmo Senhor e á Senhora da Franqueira e mais gente, que vae ao nosso Convento: é agua, que ainda no anno mais esteril nunca faltou.

No meio do souto, que fica ao Nascente do Convento, está uma pequena fonte, chamada a *Fonte dos Frades*, onde se descobrem vestigios de paredes e assentos, que teve d'uma e outra parte para adorno d'ella, a qual no tempo, em que a cerca comprehendia aquelle terreno, ficava dentro do ambito da mesma. Domina este Convento com a vista toda a Villa de Barcellos, e toda a terra que em distancia de muitas leguas lhe fica do Oriente por todo o Norte até o Occidente e d'este duas para três leguas até o mar Oceano, correndo a sua costa

até entrar por elle dentro, e mui dilatada distancia, vendo-se por elle navegar as embarcações do Sul para o Norte e as que sahem da barra do rio Cavado, porto em que se carregavam de ouro d'este Ofir as frotas d'aquelle mais sabio Rei Salomão e depois o foi das armadas, com que os Romanos conduziram gente para conquistar Braga e as terras a ella sujeitas, que eram muitas, sendo esta uma das cinco vias Romanas, que para aquella augusta Cidade havia. Meia legua de area acima d'este porto em sitio areoso ao Sul do rio está á vista do mesmo Convento o grande e antigo logar de Fão, de muitos pescadores do mar habitado, onde os nossos Religiosos vão pedir esmola de peixe fresco e sêco, do qual são bem providos, por ser a gente d'aquella terra muito devota, posto que pobre.

O dito logar de Fão foi antigamente antes que as areas o perseguissem povo muito maior e mui conhecido pelo nome de *Aguas Celenas*, derivado do rio Celano, que é o Cavado, que pela parte do Norte banha o dito logar. N'elle se celebrou aquelle famoso Concilio contra os Priscilianistas no tempo de S. Leão Papa o Magno, e Arcebispo Primaz de Braga Balconio, e n'elle presidiu S. Toribio bispo de Astorga e Notario do mesmo Summo Pontifice S. Leão nos reinos de Hespanha. N'elle foram coroados de martyrio os dois Santos Chyspulo e Restituto na persecução de Nero no anno do Senhor de 60 aos dez de Junho, em cujo dia fazem memoria d'elles quasi todos os Martyrologios. Junto a elle finalmente se vê o famoso Templo em que se venera a miraculosa Imagem do Senhor com a Cruz ás costas, como falando ás filhas de Jerusalem, a qual tem obrado e obra innumeraveis prodigios e é buscada em muitos dias do anno de grande concurso de romagem: é tão antiga, que com certeza se não

sabe seu principio: tem-se por tradição ser do tempo da rebelação de Inglaterra, na qual se lançaram n'aquelle Reino muitas famosas Imagens ao mar e que esta aportára alli miraculosamente, entrando pela barra do rio Cavado.

E' o Padroado d'este nosso Convento do Bom Jesus do Monte da Serenissima Casa de Bragança, como são todos os mais, que temos nas suas terras. Dá-lhe a mesma Serenissima Casa de ordinaria em cada um anno quarenta mil réis no Almojarifado de Barcellos. Até o anno de 1749 não eram mais do que vinte e cinco, mas por novo Alvará passado a 30 de Agosto do dito anno se accrescentaram quinze, que fazem os quarenta. Vivem hoje n'este Convento vinte Religiosos ordinariamente com toda a abundancia necessaria, porque a gente da terra circumvizinha, e de toda a Comarca é muito devota e caritativa e lhe acode com todo o genero de esmolas; e é muito de admirar, que tendo nós outro Convento em distancia de meia legua na Villa de Barcellos, em que ordinariamente moram vinte e seis Religiosos, um e outro Convento se sustentam das esmolas do mesmo territorio com toda a abundancia e fartura. Antes de fundado o Convento de Barcellos, hiam os Religiosos do Monte pedir aos sabbados esmola de pão áquella Villa e ainda depois o hiam pedir ao arrabalde de Barcellinhos: hoje o não vão pedir a parte alguma, mas d'elle são soccorridos do Real Convento das Religiosas de Santa Clara de Villa de Conde e do das Religiosas de S. Bento de Vairão, não obstante soccorrerem tambem um e outro com todo o amor e grandeza ao nosso Convento de Azurara.

CAPITULO V

*Dá-se noticia da Capella do Senhor da Vida
que está no atrio do Convento*

E' no homem innata a appetencia da vida, e no livro de Job se lê, conforme a exposição de Tirino na Biblia maxima, que pela vida dará o homem tudo quanto tiver. Enfermou de morte a natureza humana logo no seu principio: para remedio de tão perigoso mal mandou o nosso misericordiosissimo Deus ao mundo a seu Unigenito Filho, dando com a sua morte morte á morte da culpa, e aos homens abundancia da melhor vida. No alto do Monte Calvario, onde Adão tinha sido sepultado, conforme o entender de muitos Santos Padres, foi o mesmo Senhor exaltado e crucificado na Cruz, onde qual pedra do deserto ferida com a vara, lançou dividido em duas admiraveis correntes o manancial mais claro de vivas aguas para o remedio da nossa saude e logro da eterna vida. Quiz ser exaltado e crucificado no Monte Calvario, onde estava o homem sepultado, para com a sua morte lhe dar a melhor vida; e no Monte da Frânqueira, como Senhor que é da Vida e da morte, quiz na sua Imagem de pedra crucificado ser exaltado e glorificado pelos muitos beneficios que franqueia a quem alli o busca necessitado o seu remedio e com fé bebe da crystallina agua que em duas continuas correntes está offerecendo para soccorro da hu-

mana vida. O principio, que teve aquella Santa Imagem, é o seguinte:

No anno de 1740, sendo Ministro Provincial o R. P. Prégador Fr. Antonio de Guimarães e Guardião do Convento do Monte o P. Prégador Fr. Antonio de S. Jero-nymo, natural da freguezia do mesmo Santo Doutor junto ao nosso Convento de S. Fructuoso, querendo este fazer uma obra de grande caridade ao povo que vae áquelle Convento, especialmente nos grandes concursos, como é no Jubileu da Porciuncula, em que até da Villa de Barcellos vae gente pela veneração que tem áquelle antigo logar, communicou este seu intento com dois Parochos vizinhos, amigos e bemfeitores, os quaes lh'o approvaram muito. Eram estes, um o P. José da Silva da Fonseca, Vigario de Santa Marinha de Remelhe, que logo offereceu para a obra meia moeda de ouro, e o outro, o P. Manoel da Costa de Carvalho, Vigario de S. Salvador de Pereira, que offereceu um quarto de ouro, aquelle sobrinho de um nosso Religioso grave e este irmão de outro. Era a obra fazer junto á Portaria do Convento, da parte de fóra, com a agua que vae ás officinas, uma fonte para d'ella beberem á sua vontade os que sequiosos sóbem áquelle alto Monte e devotamente vão áquelle deserto.

Poz-se o dito Guardião a excogitar que figura poria em cima da tal fonte, se seria a de Neptuno, a quem a cega gentildade venerava por Deus das aguas, ou outra fementida deidade, como se vê em outras fontes de quintas e ornatos de jardins, quando lhe occorreu pôr a Imagem do verdadeiro Deus, Senhor não só das aguas mas de tudo o creado Christo Jesus Redemptor nosso crucificado, e nisto assentou. Soube d'esta sua determinação um ferreiro, morador na rua da Esperança, do arrabalde de Barcellinhos, chamado Manoel Gomes dos Reis, por alcu-

nha o Barsabú, e disse ao Guardião que mandasse fazer a Imagem bem feita que elle a pagaria, como pagou. Cuidou logo o Guardião em a mandar fazer e procurando-se pedra capaz, se achou no monte da freguezia de Remelhe, distante do Convento meia legua, da outra parte do valle que divide o dito monte de Remelhe do da Franqueira. Era a dita pedra muito grande, assim no comprimento como na largura e altura, e parecia impossivel poder-se de alguma maneira levar ao alto do Convento, por ser a subida muita e em grande distancia, nem poder haver carro que a levasse e em partes seria necessario demolir paredes para caber pelos caminhos. Assim o parecia e assim o julgavam os Religiosos e mais pessoas discretas; mas não o julgaram assim rusticos lavradores da freguezia de Remelhe e de outras vizinhas, que rogados pelo Guardião, com boa vontade e não menos ousadia e devota temeridade a puzeram em um carro forte, a que chamam *carro de obra*, que para este effeito se buscou, e com quantidade de juntas de bois, a puzeram sem perigo algum em cima á porta do Convento.

Aconteceu no caminho quebrar o eixo do carro; porrem os devotos lavradores, que acompanhavam a pedra, logo alli sem demora cortáram um sobreiro e fazendo-o d'elle lh'o puzeram, sem que o dono do sobreiro puzesse algum reparo ou fizesse alguma objecção, como tambem a não fizeram os donos das tapadas a que derrubaram paredes para caber a pedra pelo caminho, ainda que derrubando-as, logo immediatamente os mesmos que as demoliam as tornavam a levantar e pôr como estavam. Tudo isto fizeram os devotos lavradores, sem serem carpinteiros nem pedreiros, mas a sua devoção lhes dava habilitade, agilidade e forças para tudo fazerem. Posta a pedra em cima, entrou um official mais de habilidade do que ti-

vesse por officio semelhante obra, mas com tudo isso nella perito, a fazer a Imagem. Abriu na pedra um perfeito quadro com suas molduras e no meio d'elle a Imagem do Senhor Crucificado, ficando a Cruz levantada de meio relevo um grosso dedo e o corpo da Imagem tão vazado e tão perfeito, sem estar pelo todo unido á Cruz, que em pau se não faz melhor. Tem o dito corpo perto de quarto palmos de altura e a Cruz propocionada, e tudo feito da mesma pedra sem emenda alguma.

Feita a Imagem, a mandou o Guardião encarnar e pintar e não obstante ser de pedra, como esta foi bem esco-dada, ficou tão liza que tanto não desfeiou o encarne, que em madeira se não encarna melhor: finalmente em tudo sahiu perfeita. Mandou-a colocar o Guardião junto á porta da Portaria do Convento mettida na parede a modo de quadro e por baixo ao pé da Cruz mandou fazer a fonte que cahia em uma bem feita taça e nella um registo de bronze, que abria e fechava quando d'ella se queria beber ou tomar agua, e a que cahia se tornava a recolher para dentro da cerca. Mandou tambem abrir no quadro as palavras do Psalmo 35 : *Apud te est fons vita*, e d'este letreiro ficou á Imagem o soberano titulo de *Senhor da Fonte da Vida*, ou do *Senhor da Vida*, como hoje mais abreviadamente se chama. Começou logo o Senhor pela sua Santa Imagem a obrar prodigios e dispender liberalmente beneficios aos que com fé bebiam a agua da sua fonte e com devoção se encommendavam a elle. Passado anno e meio, como o concurso era grande, o lugar apertado e os beneficios iam em augmento, cujos signaes se viam pendentes na parede, sendo Guardião do Convento o P. Prégador Fr. Antonio de Aveiro Rosa, se mudou o Senhor para o sitio onde está, por ficar mais no largo do terreno da Portaria, dando lugar ao concurso da gente.

Alli se fez um Oratorio a modo de pequena Capella com grades de ferro por diante e com elle se mudou tambem a fonte.

Assim esteve, até que por industria do P. Prégador Fr. Manoel de Azurara, por alcunha o Pilatos, sendo Guardião o P. Prégador Fr. Francisco de Roriz, se lhe fez a primorosa Capella com sua Sachristia, que hoje se vê, correndo a fonte em duas bicas, cada uma da sua parte da porta, no pateo da mesma Capella, com bom artificio, cahindo a agua em cada sua bem feita taça e tornando-se a recolher para dentro da cerca a um pequeno tanque nas costas da Capella. A Imagem de N. Senhora da Conceição, que no altar do Senhor está á parte do Evangelho, poz um especial devoto da mesma Senhora, assistente na Côrte de Lisboa, onde a mandou fazer, por nome Jeronymo Gomes de Brito, natural do lugar de Quintã, freguezia de Santa Marinha de Remelhe, em cuja Igreja a tinha mandado colocar e corria por sua conta o seu ornato; mas depois de nella estar algum tempo, por certa desavença que por respeito da Imagem teve com o Parocho, a mandou para aquelle nosso Convento, onde ainda concorre para o seu culto. Corresponde-lhe da parte da Epistola a Imagem de S. José, seu amabilissimo Esposo, a qual estava na cerca do Convento em uma pequena Capella a elle dedicada e para maior veneração do Santo se trouxe para a Capella do Senhor.

Muitos e raros são os prodigios que o Senhor tem obrado por esta sua sacrosanta Imagem nos que com viva fé tem recorrido a elle pelo beneficio da vida. Logo no principio de sua colocação, achando-se um homem natural da freguezia de Santo André de Barcellinhos e morador na de S. Salvador de Pereira, por alcunha o Caco, no ultimo da vida, desenganado do medico e do Parocho

que morria, tanto que já o Guardião do Convento lhe tinha mandado o habito para se amortalhar, que como era commensal do Convento e pobre, lh'o mandou pelo amor de Deus, com fé se pegou com o Senhor da Fonte da Vida e escapou da morte, alcançando perfeita saude com que ainda hoje vive, e a mortalha se poz junto á Imagem do Senhor para memoria do milagre. Outro homem do logar de Rebordãos, freguezia de Santa Maria de Gilmonde, por nome Diogo, estando na mesma forma no ultimo perigo da vida, mandou buscar um pucaro da agua da fonte do Senhor: bebeu-a com viva fé e adormeceu, e dormindo um largo somno, acordou com taes melhoras que lhe não foi necessaria mais medicina para continuar a vida e a saude. Outro homem do logar da Jabelinha, Couto de Farelães, tinha uma menina morrendo: offereceu-a ao Senhor, dizendo, que se lhe dava vida, lhe dava um cordão de ouro que ella tinha. Feita está offerta ao Senhor, logo a menina sentiu melhoras e escapou com vida, quando d'ella já se não esperava, e promptamente satisfez o homem a sua promessa, indo com a menina render as graças ao Senhor. Mandou pezar o cordão e achando-se que tinha trinta e cinco mil réis de pezo, os pagou e levou o cordão para sua casa, tão alegre como agradecido ao Senhor da Vida.

Um João Fernandes, do logar de Silgueiros, freguezia de S. Salvador de Pereira, tinha uma vacca morrendo: offereceu-a ao Senhor, dizendo, que se lhe dava vida, de boa vantade lh'a dava. Feita a promessa, se levantou a vacca sã; levou-a ao Senhor e mandando-a avaliar, querendo dar o preço d'ella, lhe aconselharam que do dito preço mandasse fazer um resplendor de prata para o Senhor. Assim o fez e com tanta pontualidade, que sobejando do preço do resplendor alguns vinteis do valor da

vacca os entregou e no mesmo resplendor se acha em letras abertas na mesma prata a memoria d'este milagre. Nelle mostrou o Senhor que não só o era da vida dos racionais mas tambem dos irracionais, e que não só a dava e livrava das garras da morte aos homens, mas tambem aos brutos, como diz David no mesmo Psalmo, de que tomou o soberano titulo de Senhor da Vida, ou da Fonte da Vida, pois na sua mão está o conservar ou tirar a vida a uns e a outros, como Author d'ella. Deu o terrivel accidente de estupor em um ferreiro da freguezia de Sant-Iago de Villa-Seca, que o deixou quasi morto; tinha este uma innocente preta, a qual vendo a seu senhor naquella forma, se poz ao caminho e lhe foi buscar o melhor remedio na Fonte da Vida: alli se poz a chorar e a fazer suas deprecações como sabia; e como o Divino Medico attende mais ás vozes do coração sincero do que á eloquencia das palavras, lhe agradou tanto a rustica petição da pretinha, que quando voltou para casa achou a seu senhor com melhoras conhecidas, e escapou com vida.

Um homem da Villa de Barcellos, tolhido de pés e pernas, que não podia dar um só passo, se offereceu com viva fé ao Senhor da Vida e em pouco tempo se viu sã e lhe foi render as graças, levando duas pernas de cera que para testemunho do beneficio deixou pendentes na sua Capella. Um rapaz, que estava quasi cego de ambos os olhos, lhe aconselharam que os fosse lavar com agua da fonte do Senhor da Vida: assim o fez e recuperou a vista com menos trabalho e diligencia do que o cego a quem o mesmo Senhor deu vista, mandando-o lavar na fonte de Siloe. Muito parecida é esta fonte do Senhor da Vida com a de Siloe na Palestina; porque se esta, segundo Adricomio, com outros muitos, sahe na descida do Monte Sion,

expondo a sua corrente para a parte do rio Cedron, a fonte do Senhor da Vida está na descida do alto do Monte da Franqueira, expondo tambem a sua corrente para a parte do rio Cavado. A fonte de Siloe, conforme Cornelio A' Lapide, era figura de Christo Bem nosso: na fonte do Senhor da Vida se vê a sua Imagem. A fonte de Siloe, segundo o mesmo A' Lapide, corria por uns canos occultos e pela maior parte só deitava nos dias santos dos Judeus, que eram os sabbados e nos mais dias e ainda nestes dias santos a agua d'ella occultamente se recolhia para regar as hortas Reaes: isto mesmo vemos na fonte do Senhor da Vida, porque vindo por canos occultos, pela maior parte só nos Domingos e dias santos se solta ao povo, por ser nesses dias o seu maior concurso e nos mais e ainda a que nos tres dias cahe nas taças, occultamente se aproveita para regar as hortas do Convento. Finalmente se a fonte de Siloe, segundo Santo Ireneu, pela virtude que o Senhor lhe poz, naquelles dias curava de todas as enfermidades, e por isso concorria a ella nesses mesmos dias muito povo, isto é o que hoje estamos vendo nesta fonte do Senhor da Vida.

E' procurada a agua d'esta fonte do Senhor da Vida de muitas partes para enfermos que nella tem fé. As Religiosas do Real Mosteiro de Santa Clara de Villa de Conde, por muitas e repetidas vezes a tem mandado buscar para as suas enfermas que com ella alcançaram saude. D'ella tem ido agua para a Cidade do Porto para o mesmo effeito, e d'ella foi tambem para a Villa de Aveiro, para uns casados, marido e mulher, que ambos se achavam gravemente enfermos, os quaes depois que a beberam experimentaram inteiramente saude, pelo que deram ao Senhor infinitas graças. Finalmente se quando o Grande Baptista mandou por seus discipulos perguntar a Christo se

elle era o Messias que havia de vir ao mundo, lhes deu o mesmo Senhor por resposta, que dissessem a João o que tinham visto e era que os cegos viam, os aleijados dos pés andavam, os leprosos eram limpos, os surdos ouviam, os mortos resuscitavam e os pobres evangelisavam, todos estes prodigios temos visto obrar o mesmo Senhor pela sua sacrosanta Imagem com o titulo soberano de *Senhor da Fonte da Vida*. D'elles não individuíamos mais que os acima referidos, porque por muitos e continuos não tiveram os nossos Religiosos curiosidade de os escrever, nem seria possível, porque, como diz o Evangelista Aguiar no fim de sua Evangelica Historia, se d'aquelle Senhor se houvesse de escrever tudo quanto prodigiosamente obra, não caberiam os livros no mundo todo.

CAPITULO VI

Noticia de outras Capellas do Convento

E' representação da Paixão de Christo, segundo o Veneravel Kempis, incentivo do amor Divino, é doutrina da paciencia, é consolação na tribulação, é fuga da dissolução, é exclusão da desesperação, é materia de compunção, é exercício de interna devoção, é esperanza certa de remissão das culpas, é sustentação e soffrimento da dura e aspera reprehensão, é expulsão da perversa imaginação e do mau pensamento, reprime a tentação da carne, é consolação na enfermidade do corpo, é vituperação da abundancia

temporal, é abnegação da propria vontade, refrêa a superflua necessidade, é o melhor exercicio na tepida e ociosa conversação, inflamma a fervorosa emenda da vida, é inducção da celestial consolação, comprovação da fraternal paixão, reparação da Divina contemplação, argumento da Bemaventurança futura, alivio da pena presente, purgação do fogo sequente e grande satisfação pelos peccados quotidianos. Todos estes fructos se tiram da representação da Paixão do Senhor, porque é como espelho da alma piedosa, para por elle governar a sua vida e signaculo, que mostra o caminho do Céu e a subida do alto do Monte da Gloria.

E' o caminho do nosso Monte da Franqueira especialmente o mais frequente, que é o que vae da Villa de Barcellos, fragoso, arduo e custoso de subir. Para suavisar o seu rigor buscou a piedade devota dos nossos Religiosos o melhor meio, que foi expôr a todos os que por elle fossem os Passos da Paixão do nosso Redemptor, começando ao pé do Monte no da oração do Horto de Gethesemani até acabar no Convento o do Calvario, para que pondo em cada um d'elles os olhos, na consideração do quanto padeceu por nós aquelle amante Senhor, achem alento para com todo o animo subir ao mais alto, onde desejam chegar, para lograrem os fructos da arvore da Cruz e beberem a celestial agua da fonte da Vida. Em seis imagens grandes e devotas (que a setima do Calvario é a do Senhor Crucificado, Titular do Convento) postas em seis Capellas pelo Monte abaixo se vê representada aquella tão lastimosa, como excessiva obra de nossa Redempção. Lançou-se a primeira pedra na primeira Capella ao pé do Monte em 4 de Setembro de 1710, sendo Guardião do Convento o P. Confessor Fr. Domingos de Barcellos e Ministro Provincial o R. P. Fr. Pedro de Penamacor, Ex-Definidor.

Fizeram-se as ditas Imagens e Capellas á custa de es-
molas de devotos particulares, que para isso concorreram,
e se acabaram com perfeição no tempo dos Guardiães que
se seguiram. A escadaria de pedra, porque se sobe para
o atrio do Convento, mandou fazer o Guardião Fr. Cypria-
no da Barca ametade e a outra ametade continuou o Guar-
dião Fr. Boaventura de Esgueira, concluindo-a com as
duas Capellas que ornem a entrada d'ella: a da parte da
direita quando se sobe, é a do sexto Passo do Senhor com
a Cruz ás costas, e corresponde-lhe da parte esquerda a
outra, em que se vê uma grande, perfeita e devota Imagem
do Senhor do Encontro, representando muito ao vivo o
que teve com seu benditissimo Filho na rua de Amargura
em Jerusalem. Com esta Piedosa Imagem da Senhora tem
o povo cordeal devoção, e d'ella se vale em suas afflicções
e necessidades. Esta Capella da Senhora mandou fazer
um devoto Brasileiro chamado Domingos Francisco, natu-
ral e morador no lugar de Porto-Carreiro, freguezia de
S. Paio do Carvalho, o qual toda a riqueza que do Brazil
tinha trazido empregou em obras pias e devotas, como foi
pôr Sacrario com o Santissimo Sacramento na Igreja da
sua freguezia e em outras circumvizinhas que o não ti-
nham. No claustro do Convento está a Capella do Capi-
tulo, de que é Padroeira a nobilissima Casa da Silva, sita
na freguezia de S. Julião, no valle de Tamel, da outra
parte da Villa de Barcellos. N'esta Capella se veem no te-
cto esculpidas as armas d'aquella illustrissima Casa e um
carneiro onde se sepultam os Senhores d'ella, com o le-
treiro na tampa d'elle: *Aqui jaz Antonio de Souza e sua
mulher Dona Maria da Silva, que falleceu no anno de
1573.* Estes dois casados foram os Instituidores do Mor-
gado e Casa da Silva, segundo consta do seu testamento e
instituição, que se acham no Archivo do Convento, que

foi feito e instituido no mesmo anno de 1573, sendo elles moradores na Villa de Guimarães e sendo Duque da mesma Villa e Condestavel do Reino, o Infante D. Duarte, filho do felicissimo Rei D. Manoel. O letreiro sobredito está alguma cousa confuso por falar no singular, mas é certo que ambos os consortes foram alli sepultados: elle se chamava Antonio de Souza Alcaforado e ella D. Maria da Silva e Lima: elle era Fidalgo da Casa Real e Commendador de S. Pedro de Merlim na Ordem de Christo, e ella era Senhora nobilissima, filha de Fernando de Mesquita, Senhor do Morgado de Outu, que foi um dos mais valorosos portuguezes que em serviço do Reino ostentou o seu esforço, bisneta de D. Leonel de Lima, primeiro Visconde de Villa Nova de Cerveira e quarta neta de D. Thereza Pereira, irmã inteira do grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Procede o dito Antonio de Souza Alcaforado dos antigos Reis Godos, por D. Mendo Gomes, que vivia na Cidade de Toledo ao tempo que D. Affonso IV, Rei de Castella a ganhou aos Mouros no anno de 1085, do qual D. Mendo Gomes foi filho legitimo D. Gueda Mendes o Velho, que veio com o Conde D. Henrique, pae do nosso primeiro Rei D. Affonso Henriques a Portugal, onde casou, e d'este por linha recta e legitima descende o dito Antonio de Souza Alcaforado, sempre por varão, segundo a ordem de filiação seguinte: 1, D. Mendo Gomes. 2, D. Gueda Mendes. 3, D. Huer Gueda. 4, D. Pedro Huens. 5, D. Mem Pires de Aguiar. 6, Pedro Mendes de Aguiar. 7, Martim Pires de Aguiar. 8, Pedro Martins Alcaforado. 9, Affonso Pires Alcaforado. 10, Martim Affonso Alcaforado. 11, Pedro Martins Alcaforado. 12, Gonçalo Pires Alcaforado. 13, Martim Gonçalves Alcaforado. 14, Fernão Martins Alcaforado. 15, Gonçalo Vaz Alcaforado. 16, Fran-

cisco de Souza Alcaforado. 17, Antonio de Souza Alcaforado, que é o de que falamos e está sepultado na Capella do Capitulo do Convento do Monte da Franqueira.

D'este Antonio de Souza Alcaforado são descendentes os Senhores da Casa da Silva por linha recta e legitima de varão, segundo a ordem de filiação seguinte: 1, Fernando Martins de Souza, que foi Commendador de S. Pedro de Merlim na Ordem de Christo e Capitão Mór de Chaul e de algumas armas, e serviu na India com muito valor. 2, Francisco de Souza da Silva. 3, Francisco de Souza da Silva. 4 Antonio de Souza da Silva. 5, Francisco de Souza da Silva Alcaforado Rebello, que hoje vive, todos Fidalgos da Casa Real. E' o seu jazigo, como temos dito, na dita Capella: n'elle estão sepultados pae, avô, uma irmã e um filho mais velho do que hoje vive, o qual é Commendador na Ordem de Christo e Senhora da Honra e Torre de Fração, sita na freguezia de Lordello, Bispado do Porto, Chefe da familia Alcaforado neste reino por Pedro Martins Alcaforado, que foi o primeiro d'este appellido e quarto decimo avô do mesmo, que hoje vive. O Padroado da dita Capella e jazigo foi dado no Capitulo Provincial, que se celebrou no Convento de Santo Antonio de Evora no primeiro de Janeiro de 1590, por patente do novo Ministro Provincial Fr. João de Evora, assignada por toda a Meza da Definição e passada em 5 do mesmo mez e anno, ao sobredito Antonio de Souza Alcaforado, instituidor do Morgado da Silva, de cuja geração era D. Henrique de Souza, ultimo Commendatario do Benedictino Mosteiro de Rendufe, que no anno de 1563 nos tinha mudado o Convento para onde hoje está.

CAPITULO VII

*Provê Deus milagrosamente aos Religiosos
d'este Convento*

Aconselha o Santo Rei David que ponhamos todo o nosso cuidado em Deus, que elle nos proverá de tudo o necessario para a passagem da humana vida. Com todos fala o Real Profeta, e a todos aconselha tamhem o mesmo o Principe dos Apostolos, S. Pedro ; mas supposto seja conselho commum para todos, aos Religiosos, que vivem vida Apostolica, pertence mais em particular. Renunciam estes os bens do mundo pelo amor de Deus, e de tal sorte se devem entregar a elle, que os não divirta d'elle o cuidado do sustento para o outro dia, como o Divino Mestre ensinava a seus Discipulos. Só Deus deve ser o principal objecto do seu cuidado ; e quando assim procurarem servir áquelle Altissimo Senhor, bem podem firmemente esperar que lhes ha de acudir no tempo e occasião de maior necessidade. Neste Convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira se tem visto muitas vezes esta verdade, que descuidando-se de si os Religiosos d'elle por entregues a este Senhor, mostrou elle o cuidado que tinha do seu sustento.

No anno de 1658, sendo Guardião o P. Fr. Vicente de Abrantes, e Porteiro o Irmão Fr. Miguel de Lagos Frade Leigo, achou este em um dia pela manhã que não

tinha pão, nem outra cousa alguma para comerem os Religiosos aquelle dia: deu conta ao Prelado d'esta falta, dizendo sua culpa da negligencia que tivera em não prover as cousas a seu tempo, de que o Guardião sentido o reprehendeu asperamente. Viu-se o Prelado afflicto por ser o dia occupado, a Villa de Barcellos distante meia legua, d'onde se poderia prover, e o tempo pouco a respeito do que era necessario para se procurar dos bemfeitores o provimento ao menos para o jantar. Todas estas circumstancias considerava, sem saber determinar-se no que faria; porem Deus N. Senhor, que se não descuida dos pobres, vendo estes em tal necessidade, lhes acudiu, mandando-lhes com tempo á porta uma esmola bastante do que necessitavam não só para aquelle dia, mas tambem para mais, e succedeu assim.

Entre a Cidade de Braga e a Villa de Barcellos, uma legua distante d'esta e duas d'aquella, e do Convento do Monte quasi legua e meia, está situado o Convento do Salvador de Villar de Frades, um dos mais sumptuosos e insignes d'este Reino, o qual antigamente foi da Ordem do Patriarca S. Bento, fundado por S. Martinho de Dume, onde sendo ainda de Religiosos Benedictinos aconteceu aquelle famoso prodigio de um Santo Abbade d'aquelle Mosteiro, de contemplação profundissima. Este rezando um dia de manhã o Psalterio, encontrou com aquellas palavras, em que David falando com Deus e contemplando a suavidade de sua Gloria, diz, *que mil annos na sua presença são como o dia de hontem, que já passou*. Fazendo o Santo Abbade reflexo sobre estas palavras, discorria suspenso e não alcançava como isto poderia ser. Entre admirações, ternuras e saudades da patria celestial, arrebatado como por força da suavidade e doçura de taes

palavras, que todas eram o alvo dos seus pensamentos, sahiu á cerca do Mosteiro. A poucos passos ouviu o canto suavissimo de uma avezinha: foi para aquella parte d'onde cantava e parou a ouvil-a; mas ella não parou, porque de arvore em arvore se retirou aos poucos para o interior do bosque.

Quanto a avezinha se retirava, tanto o Santo Abbade a seguia, ella com breves e repetidos voos, elle com ligeiros e anciosos passos, até que parou em um retirado sitio, do qual ainda hoje se conserva a memoria. Alli no alto de uma arvore se poz a ave a cantar e debaixo d'ella o Santo a ouvir. Passado, ao seu parecer, um breve espaço, desapareceu a ave, deixando-o tão alegre e satisfeito, como quem (sem o saber) havia provado de uma iguaria do banquete da bemaventurança. Voltou para o Mosteiro e logo topou com grandes mudanças, porque o muro da cerca corria por outra parte differente, a horta estava para outra, para outra se via a porta da Igreja e finalmente para outra se via a Portaria. Bem se deixa ver qual seria a sua admiração e assombro neste caso! Envolto em varias considerações chegou á Portaria e viu nella um Monge que não havia visto em sua vida, o qual lhe perguntou quem era e o que queria? Ao que respondeu o Santo, que era o Abbade d'aquelle Mosteiro, que pouco havia que d'elle tinha sahido. Foi esta resposta ouvida com riso e celebrada com desprezo.

Perguntou o Santo Abbade por alguns Monges, nomeando-os, e nem noticia havia de taes homens, nem de taes nomes. Foram concorrendo os Religiosos attrahidos da novidade, que logo correu pelo Mosteiro e nenhum d'elles conhecia ao Santo, nem este a algum d'elles. Referiu-lhes o maravilhoso successo, e buscando logo o Cartorio, se achou que havia setenta annos que d'aquelle

Mosteiro faltára em tal dia o Abbade N. do qual nunca mais houvera noticia ; e confrontada esta com a que elle acabava de contar, se achou ser elle o Abbade desapparecido, a quem com razão podemos chamar encantado, porque o canto de uma ave (ou d'um Anjo) o teve setenta annos absorto, suspenso, extatico e como morto para as pensões da natureza e vivo só para as delicias e doçuras d'aquella harmonia suavissima. Todos os Monges lhe pediram logo a benção, reconhecendo-o com grande gosto por Prelado, como a um homem do Céu ; mas elle não acceitou, antes recebendo devotissimamente os Sacramentos, dentro em poucos dias morreu e foi gozar por toda a eternidade o suavissimo canto dos Coros Angelicos na Gloria. Referimos este admiravel prodigio, para que se veja que se a suavidade da bemaventurança, entrando por um só sentido, suspende e eleva de tal maneira, que setenta annos parece a quem goza poucas e breves horas, que será entrando por todos os sentidos e potencias? Se suspende tanto a voz d'um Anjo, que será o pelago infinito da vista de Deus? O sitio da cerca do Mosteiro onde appareceu e cantou a ave se chama o *Padrão da Franqueira*, por correspondencia que tem com o Monte do mesmo nome.

Reinando em Portugal D. João I, o Arcebispo Primaz de Braga D. Fernando da Guerra deu o dito Mosteiro no anno do Senhor de 1425 ao Mestre João, que depois foi Bispo de Lamego e depois de Vizeu, o qual alli introduziu a Reformação da Congregação de S. Jorge de Alga em Italia, que em Portugal se intitula dos Conegos seculares de S. João Evangelista, formando alli o seu principal Convento, no qual, como em os mais, que aquella Sagrada Congregação tem n'este Reino, florescem os ditos Padres em muita virtude e observancia Regular. N'estes

experimentamos sempre muito cordeal devoção e tanta caridade, que bem mostram terem em si impressa a condição d'aquella grande Aguia da Igreja, debaixo de cujas azas vivem, que toda foi caridade e amor. N'este amor e cordeal devoção para conosco, entre os mais se singularizou o Reitor do mesmo Convento de Villar, chamado o P. Bernardo de Christo, natural da Villa de Bri-tiande junto á Cidade de Lamego, Religioso de muita virtude e penitencia, devotissimo de N. P. S. Francisco e de seus filhos, e nomeadamente dos da nossa Santa Provincia, por cujo motivo lhe vieram os seus Conegos a chamar vulgarmente o *Capucho*.

Teve este virtuoso Padre intimo trato com os nossos Religiosos, com os quaes ia estar por vezes ao nosso Convento e os acompanhava em todos os seus exercicios, já no Côro, já na cosinha e já na oração, como se fosse um d'elles: soccorria-os com repetidas esmolas, e elles lhes sabiam merecer esta liberalidade e afeição, porque o amavam e veneravam como a seu singular bemfeitor e amigo. Este no ultimo anno de sua Prelazia, que foi tambem o do termo da sua vida, em o de 1658, que acima dissemos, no dia em que os nossos Religiosos do Convento do Monte se achavam sem provimento algum, estando dizendo Missa e os seus Conegos no Côro rezando o Officio Divino, repararam estes na velocidade e pressa com que elle a disse, e muito maior reparo fez o Acolyto, a quem, chegando á Sachristia, mandou com muita pressa buscar ao Procurador do Convento; e despindo as vestiduras sagradas, o foi tambem procurar e o mandou a toda a pressa carregar uma mula de pão, vinho e carne e a enviou ao dito nosso Convento do Monte, porque soubera na Missa, por inspiração Divina, que não tinham os Religiosos d'elle aquelle dia que jantar.

Chegou a esmola em tempo que o Guardião e Porteiro andavam sollicitos da provisão dos Religiosos, vacilando no meio que teriam para soccorrel-os; e quando nenhum achavam, foi servido o Senhor, que no tempo opportuno dá de comer aos que pondo n'elle os olhos n'elle esperam, chegasse o mensageiro com o soccorro e provimento dos Religiosos; mas que muito se eram pobres, e, como diz o Ecclesiastico, os pobres que professam a mais estreita pobreza obrigam a Deus que ponha n'elles os olhos e os remedeie. Não se achará Convento de Religiosos de N. P. S. Francisco, que em seus Memoriaes não conte semelhantes beneficios do Altissimo; mas como todos são professores da mais estreita pobreza Evangelica, por conta do mesmo Senhor corre o seu sustento e só da sua Divina Providencia o devem esperar: assim o respondeu elle e prometeu ao Serafico Patriarca, segundo escreve o Cardeal Pizano, e não ha-de faltar; d'onde se segue, que o mais rico thesouro que tem os filhos de N. S. P. S. Francisco, é a santa pobreza que professam: *Nihil habentes e omnia possidentes*.

Devemos tambem aqui fazer especial memoria de outro Religioso Conego secular de S. João Evangelista, nosso cordealissimo bemfeitor e devoto, não só dos Religiosos assistentes no Convento do Monte da Franqueira, mas tambem nos mais d'esta nossa Santa Provincia, o qual falleceu no mesmo Convento de Villar e n'elle foi sepultado em 3 de fevereiro de 1570. Chamava-se elle o P. João de Santa Maria, era natural da Cidade de Braga, dotado de muitas e singulares virtudes, e entre estas a que muito n'elle resplandecia era a da paciencia, porque padecendo actualmente uma trabalhosa enfermidade com terriveis dores, costumava dizer, que o Senhor o tratava com muito mimo, e que aquellas penas eram regalos em comparação

das suas culpas. Sobre esta enfermidade habitual lhe deu Deus outras gravissimas. Em uma foi necessario jarretar-lhe uma perna minada de humor rebelde e de má qualidade e penetrada já de corrupção. Era grande o perigo e havia de ser extraordinario o tormento. Succedeu haver-se de fazer a cura em dia de N. S. P. S. Francisco: fez-lhe o servo de Deus promessa de ser seu devoto toda a vida, se o livrava com ella e lhe dava valor e paciencia. Assim succedeu felizmente, porque soffreu os golpes com tanta resignação e constancia, que só se lhe ouviram estas palavras uma vez pronunciadas pela bocca, e muitas sem duvida no coração: *S. Francisco, valei-me*, e escapou com vida, a juizo dos Medicos e Cirurgiões, milagrosa.

Não se pôde encarecer a devoção com que d'alli ficou ao Serafico Patriarca, a quem chamava como por antonomasia o seu Santo. Tratou logo de ter na sua cella uma Imagem sua e todos os dias lhe rezava, não pouco nem uma vez sómente. No dia do Santo Padre fazia grande festa: dizemos grande festa, porque as maiores para os Santos não consistem em grandes gastos senão nos grandes affectos: mais querem que empregemos em seu obsequio o nosso coração, do que muito dinheiro e muito mais N. P. S. Francisco, tão amante da pobreza, que sem duvida alguma não só quer seus filhos pobres e os seus Conventos, mas tambem que nas suas festas resplandeça a santa pobreza. Ornava-lhe pois o devoto Religioso a sua Imagem com muitas flores, cantava-lhe hymnos, enternecia-se com intimos affectos e chorava copiosas lagrimas de alegria e devoção; mas entendendo que os obsequios feitos aos filhos são para os paes a maior lisonja, tomou á sua conta agasalhar e servir aos filhos do Serafico Padre, e tanto que algum, ou alguns, chegavam ao seu Convento de Villar,

logo se lhe dava recado, porque os seus Reverendissimos Padres Geraes pelo grande conhecimento que tinham da sua virtude, desejando fazer-lhe o gosto, ordenaram que corresse por sua conta inteiramente o dito agasalho.

Acudia o bom Religioso tão alegre, que não cabia em si de prazer: abraçava-os com muito carinho e affecto e logo os levava ao Côro a tomar a benção ao Santissimo e d'alli á cella do Prelado; e deixando-os em boa conversação e companhia, ia elle mesmo á cosinha e a primeira diligencia que fazia era aquecer agua, procurando sempre que fosse cheirosa com differentes hervas odoríferas com que a fervia. Logo mandava preparar-lhe o comer sem superfluidade e sem escaceza. Prevenidas estas cousas, elle por suas proprias mãos lhes lavava os pés, limpando-os, beijando-os e regando-os com tantas lagrimas, que as excitava nos olhos dos circumstantes e dos seus hospedes. Elle enfim lhes ministrava o comer, elle lhes limpava a casa onde se haviam de recolher, elle lhes fazia as camas onde haviam de dormir, e isto sendo já dos Conegos mais velhos, mais graves e mais authorisados do Convento. Chegou a ser tão notoria esta caridade e tão estimada e agradécida dos nossos Religiosos, que todos lhes chamavam geralmente o seu Pae; e com razão, pois não trata um pae amante a seus filhos com mais amor e carinho do que este virtuoso Conego aos nossos Religiosos tratava.

N'estas e outras virtuosas acções passou a vida, até que em longa velhice o assaltou a morte apressada, mas não improvisa, porque de muitos tempos andava apparelhado para ella. Sobreveio-lhe um accidente e acudindo os Conegos, no mesmo tempo entraram pela Portaria do Convento não poucos Religiosos nossos, perguntando onde estava o seu Pae? Foi-lhe dito o aperto em que se acha-

va e elles a toda a pressa lhe entraram na cella. Havia algum espaço que estava amortecido, porque a força do accidente lhe tinha ligado os sentidos e as potencias; mas tanto que entraram os nossos Religiosos na sua cella, logo abriu os olhos e muito alegre os recebeu a todos com poucas palavras, mas demonstrativas da sua alegria e consolação com tal visita, e pouco depois expirou nos braços d'elles com tanta doçura, com tanta suavidade e com tanta alegria, que deixou a todos pela morte sentidos, quanto pelas circumstancias alegres e admirados. Foi preciso dar-se logo na mesma manhã o corpo á sepultura: ignoramos a causa de tanta pressa, mas foi sem duvida disposição Divina. Na mesma manhã se lhe fez o officio de corpo presente, ao qual assistiram e ajudaram os nossos Religiosos e estes foram os que levaram o corpo e o meteram na sepultura com as ceremonias que a Igreja ordena.

Acabada a funcção, voltou aquella Religiosa Communi-
dade para a Sachristia e nella advirtiu o Prelado que era
razão convidar aos hospedes que suppunha presentes. No
mesmo pensamento estavam todos os mais Conegos, mas
todos viram que de repente haviam faltado de entre elles.
Fez-se prompta diligencia pelo Convento e pelo contorno
d'elle e nem noticia se achou de taes Religiosos. Curio-
samente se inquiriu pelos nossos Conventos circumvizi-
nhos que Religiosos naquelle dia haviam sahido fóra d'elles
e se achou que poucos, e esses ou a partes tão proximas
a elles, ou a tão remotas do de Villar, que era natural-
mente impossivel acharem-se nelle em tal dia. D'estas pre-
missas inferiram aquelles Aquilinos Conegos com prudente
e bem fundado discurso, e assim mesmo todas as pessoas
que souberam do caso, que aquelles Religiosos eram An-
jos, e que Deus quiz pagar a seu servo com proporcio-

nada recompensa: elle venerava, amava e servia na vida aos nossos Religiosos, como se foram Anjos; Deus ordenou que os Anjos, com apparencia de Religiosos nossos, lhe assistissem ao transito e o animassem e o consolassem na morte. Ditoso transito e ditosa morte, que sendo nas mãos dos Anjos, como acompanharam á sepultura seu corpo, não menos acompanhariam sua alma até á vista de Deus. Assim sabe ser agradecido o Pae dos pobres Francisco aos que de coração amam, estimam e veneram e fazem bem aos seus filhos, que tal dita lhes consegue do Altissimo e outros muitos favores e beneficios, que se podem ler nas Chronicas da nossa Ordem Serafica.

CAPITULO VIII

Prosegue-se a materia do precedente

Não se contenta Deus com fazer um só beneficio aos que verdadeiramente o servem; não é o seu cuidado para com elles para uma só vez, mas sim para todos quantos hão necessidade de sua infinita liberalidade. Sendo Guardião neste nosso Convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira o P. Fr. Francisco de Guimarães e Porteiro o Irmão Fr. Baptista de Moura, por ser sabbado, fim da semana, se achou o dito Porteiro sem ter pão algum para o jantar dos Religiosos. Estava a Villa distante, d'onde podia vir o provimento d'elle. Vinham-se chegando as horas do Refeitorio, por cuja causa não era possivel poderem

ser soccorridos naquelle deserto. Anciava-se o Porteiro, que juntamente era Dispenseiro e por não ancian também ao Guardião com a nova d'aquella falta, que talvez fosse cauzada por seu descuido, não ousava dar-lhe conta d'ella. Calava tudo, mas quanto mais se chegava a hora de tocar ao Refeitorio, mais se affligia. Bem é verdade que, segundo elle depois confessava, sempre tinha confiança em Deus que lhe havia de acudir em tal necessidade; porem vendo que o tempo dos Religiosos tomarem a refeição vinha chegando e que nem um só pão tinha para lhes repartir no Refeitorio, entrou na Capella maior da Igreja e posto de joelhos diante do Santissimo Sacramento, com as lagrimas nos olhos, disse estas palavras: *Bem sabeis vós, meu Deus, que é meu officio pôr no Refeitorio alguma cousa para comerem estes Religiosos vossos servos depois que se occupam em vossos louvores; eu a não tenho agora, nem sei d'onde me venha, vós os provei por vossa misericórdia.*

Ditas estas palavras e feita esta breve oração na meza d'aquella Pão Divino, sustento das almas, achou o afflicto Religioso o corporal sustento para si e seus Irmãos, porque ainda estava de joelhos, quando ouviu que lhe tocavam á campainha da Portaria. Foi a toda a pressa abrir e achou a ella um homem da freguezia de Rio-Tinto, distante do Convento uma legua, lavrador e Irmão dos Religiosos. Disse-lhe o Porteiro, ainda com as lagrimas nos olhos: *Quem, Irmão, vos trouxe agora cá?* O devoto lavrador, vendo-o chorar e sentindo já o milagre, acompanhando-o nas lagrimas, respondeu: *Não sei, Padre, que agora cá me trouxe: eu andava no campo semeando milho (e ainda me ficam os bois tomados ao arado) e cá me deu uma pancada no coração que estavam os Padres em necessidade. Parti logo para casa e não achando outra*

cousa que trazer, trago aqui tres pães alvos e uma broa e essa cabaça de vinho. Acceitou o Porteiro a esmola como cousa dada por Deus e foi repartil-a pelas rações dos Religiosos, que com serem doze os que então alli moravam, chegou para todos e todos ficaram satisfeitos e abundados; e o que mais é de maravilhar e que certamente faz o caso milagroso, foi haver depois da refeição dos Religiosos sobejos do mesmo pão em abundancia para o mesmo Porteiro dar aos pobres, que não eram poucos e de jantar ao mesmo lavrador, que por impulso Divino o tinha trazido.

N'aquelle grande milagre, que Christo Senhor nosso obrou, quando com cinco pães e dois peixes deu de comer a cinco mil e tantas pessoas no deserto, subindo ao alto de um monte, com tanta abundancia, que ficando todos saciados, sobejou muito mais, diz Santo Agostinho, que o pão começara a crescer nas mãos do mesmo Senhor. S. João Chrysostomo é de parecer que tambem nas mãos dos Apostolos, quando o repartiam, fôra o pão crescendo: e ainda Santo Ambrosio com Santo Hilario accrescentam, que tambem nas mãos dos convidados crescêra. Verosimil é que o mesmo succederia em o nosso caso, pois era pouco o pão e muita a gente que satisfez, com que se viu no deserto do nosso Convento do Monte da Franqueira uma verdadeira semelhança d'aquelle estupendo milagre do deserto não muito longe do mar de Galilea, no monte alto de Bethsaida na Palestina. E' sentença do Ecclesiastico, na exposição de Menochio, que a esmola feita aos pobres livra a quem a faz de todo o mal. Esta sentença se viu verificada em Tobias, que pela esmola foi livre de tantas molestias e perigos, e se vê a cada passo nos que dão esmola e fazem caridade aos professores da mais estreita pobreza, os em vida amortalhados, filhos de N. S. P. S. Francisco.

Uma das casas mais bemfeitoras e devotas dos nossos Religiosos na Villa de Barcelios, entre as muitas que nella ha, é a do Syndico, que é de ambos os Conventos que alli temos e de annos antigos foi sempre do do Monte da Franqueira, assistindo promptamente aos Religiosos não só com a obrigação pontual do syndicado, mas ainda com outras muitas esmolas, com tanto amor e fé, que dizem as pessoas descendentes da dita casa, que terão por desgraça d'ella se d'ella se tirar o syndicato. No tempo que era Syndico do Convento do Monte (porque outro era o do Convento da Villa e hoje está tudo na mesma casa) veio avizo d'aquelle Convento que não havia pão para a Communidade. Estava o dia mais rigoroso de inverno que se pode considerar, com contínua chuva: affligia-se a dona da casa como lh'o poderia mandar, mas resoluta com fé mandou uma moça com um taboleiro d'elle, coberto com uma unica toalha; e sendo a maior parte do caminho deserto, sem ter onde se possa abrigar e em distancia de meia legua, foi a moça e sem demora voltou a casa por debaixo da agua, sem trazer um fio do vestido molhado, nem ainda a toalha que cobria o pão que ia no taboleiro, que para testemunha da verdade a dobrou e guardou a dona para a mostrar, como mostrou ao outro dia aos Religiosos que a sua casa vieram, dos quaes um era o P. Fr. Ignacio de Espozende, Religioso grave e digno de todo o credito. Assim obra N. P. S. Francisco com quem com tanto amor e devoção o serve e acode ás necessidades de seus pobres filhos.

Era costume dos Antigos, conforme escreve Libanio, quando se viam em alguma afflicção, recorrer á protecção da imagem do seu Rei e Senhor, tendo para si que á sua sombra estavam seguros de todo o mal. Isto, que na cega gentilidade de alguma maneira pareceria razão, é costume

louvavel nos nossos Religiosos do Convento do Monte da Franqueira, No anno de 1696, sendo Ministro Provincial o R. P. Prégador Fr. Miguel de Braga e Guardião do Convento o P. Fr. Francisco de Poiares, aos 28 de Novembro, pela noite, houve alli um terrivel furacão de vento tão violento, que derrubou perto de quarenta pinheiros entre mansos e bravos dos maiores que havia na cerca e por milagre ficou o Convento em pé. N'esta grande afflicção recorreram o Guardião e mais Religiosos á protecção da Sagrada Imagem do seu Rei e Senhor o Bom Jesus e juntamente á da Rainha sua Mãe Santissima e Senhora da Franqueira, debaixo de cuja sombra estão com incessantes preces e ficaram o Convento e elles livres de todo o perigo.

Diz tambem Libanio, que quando os antigos Gentios recorriam nas suas afflicções á protecção das imagens de seus Reis, as tomavam e levavam em Procissão para alcançarem o que desejavam. Isto, que nos Gentios era supersticioso, nos catholicos o fazerem semelhantes procissões deprecativas com as Imagens devotas é pio, louvavel, justo e santo. Assim o fizeram em um anno de muita sécca os Religiosos do nosso Convento da Franqueira. Fizeram uma Procissão de Preces por agua penitente e devota, todos descalços com a Imagem de N. P. S. Francisco em um bem composto andor, e levando-a ao alto cabeça do Monte á Igreja de N. Senhora da Franqueira, a deixaram lá, e com a mesma devoção trouxeram a Imagem da Senhora para a Igreja do Convento, onde houve Sermão ao concurso do povo, que se ajuntou das freguezias circumvizinhas. Estando o Prégador no pulpitto, começou a chover abundancia de agua, que continuou nos dias seguintes, sendo que quando se fez a Procissão estava o Sol intenso, não havia signal de chuva.

Esteve a Imagem da Senhora na Igreja do Convento nove dias e a de N. P. S. Francisco em cima na Igreja da Senhora. N'estes nove dias foi grande o concurso da gente que ia da Villa de Barcellos e freguezias vizinhas visitar as sacrosantas Imagens, não obstante a chuva que havia. Ao nono dia se destrocaram as Imagens com nova Procição e acção de graças.

Semelhante beneficio da mão de Deus lêmos na Escripura Sagrada, quando o mesmo Senhor tinha castigado ao Reino de Samaria, negando-lhe a chuva necessaria para a criação dos fructos; mas tanto que o Santo Profeta Elias, figura expressa de N. Padre S. Francisco, segundo o nosso serafico Doutor São Boaventura, o Cardeal Pizano e outros, subiu ao alto do Monte Carmelo e appareceu á vista da nuvemzinha, figura e Imagem de Maria Santissima com o filho de Deus feito homem em seus braços, e esta se moveu da parte e á vista do mar, logo a Divina clemencia se inclinou ao soccorro dos miseraveis, logo os Céos, que pareciam de bronze, se abrandaram, logo se escureceram e cubriram de nuvens, e logo choveu agua em grande abundancia. D'estas tem feito N. P. S. Francisco muitas, e o fez ainda quando vivia n'este mundo, conforme refere o nosso Annalista Wadingo; mas que muito se o seu espirito sempre foi de um Elias arrebatado na carroça do fogo intensissimo da caridade, como o viram os seus mais queridos filhos logo no principio de sua Serafica Ordem, e se lê na sua prodigiosa vida.

CAPITULO IX

Caso succedido n'este Convento, em que se mostra o espirito profetico do Santo Fr. Antonio de Nebrixa; e memoria de um Religioso d'este Convento, que falleceu tratando dos apestados.

Deus nosso Senhor, que tem singular cuidado de prover as Religiões Sagradas de brilhantes luzes de santidade, foi servido pôr sobre o castiçal da nossa Santa Provincia, quando unida, uma nova e maravilhosa luz de admiravel resplendor de virtude. Foi esta o Veneravel e perfeitissimo Varão Frei Antonio de Nebrixa, Sacerdote dignissimo e ferventissimo prégador entre todos os que mais o foram no seu tempo. Nasceu este santo Religioso em um lugar de Andaluzia chamado Nebrixa, e na flor da sua juventude, fugindo ás vaidades e perigos do mundo, recebeu o habito de nossa serafica Religião na Santa Provincia de Andaluzia e n'ella professou. Depois de viver n'ella algum tempo, tendo noticia do rigor com que os Religiosos viviam na nossa em Portugal, se passou e incorporou n'ella no anno de 1538, sendo Ministro Provincial o R. P. Fr. Diogo de Borba, onde viveu quarenta annos em tal exercicio de virtudes, que subiu por ellas a tão alto grau de perfeição, que a muitos deu materia de admiração e a poucos logar de poderem imitar o raro de suas obras heroicas.

Entre os dons da Divina graça teve o de profecia, como se viu em muitos casos e entre elles no que succedeu n'este Convento do Monte da Franqueira, sendo n'elle Presidente e Vigario com poder de Guardião o P. Fr. Diogo de Villa Viçosa. Achava-se este fóra do Convento a negocios da sua occupação, e estava o Veneravel Fr. Antonio de Nebrixa na Capella maior da Igreja em oração: chegou a este tempo ao Convento o pae de um Religioso, que estava servindo de Porteiro, chamado Fr. Ambrosio de Vieira, a quem vinha vêr o dito seu pae; e como Fr. Ambrosio o visse, foi á Capella, onde estava o Presidente Fr. Antonio, dar-lhe parte que estava alli seu pae e pedir-lhe licença para lhe fallar; mas o virtuoso Presidente antes de Fr. Ambrosio dar palavra alguma o preveniu, dizendo: *Ide, irmão, e agasalhae muito bem a vosso pae*, do que ficou admirado Fr. Ambrosio, porque nenhuma noticia havia da vinda de seu pae, nem o servo de Deus o tinha visto vez alguma, nem o podia saber por via humana, senão por via d'aquelle Senhor, em cuja conversação estava. Não descrevemos por extenso a vida d'este Santo Religioso, porque como falleceu e foi sepultado no Convento de Santo Antonio da Villa de Loulé, e este pertence hoje á nossa Santa Provincia da Piedade, ao seu Chronista pertence o elogear e descrever as suas heroicas virtudes, e nos só faremos memoria das que obrou em alguns dos conventos que hoje temos, quando n'elles morava.

E' a peste açoute da ira Divina e entre todas as calamidades d'esta vida a mais cruel e atrocissima. Com muita razão lhe chamam por antonomasia o *mal*, porque não ha mal sobre a terra que tenha com a peste comparação nem semelhança. No mesmo ponto em que se ateia em um Reino ou Republica, este arrebatado e vio-

lento fogo, se veem os Magistrados attonitos, os povos assombrados, o governo politico sem fórma, a justiça sem obediencia, as artes sem exercicio, as familias sem concerto, as ruas sem concurso e tudo reduzido á extrema confusão, desordem e ruina, porque tudo arrasta, tudo consome e tudo atropella o pezo de calamidade tão horrivel. Anda a gente toda sem distincção de estado, afogada em amarguras mortaes, padecendo ao mesmo tempo uns o mal, outros o temor, tropeçando todos a cada passo ou com a morte, ou com o perigo. Os que hontem enterravam a uns, hoje são levados a enterrar, cahindo talvez sobre os mortos na mesma sepultura aquelles que acabavam de os metter n'ella. Temem-se os homens do mesmo ar que respiram, temendo-se dos mortos e dos vivos, e até se temem de si mesmos, porque nos vestidos que os cobrem, trazem muitas vezes a morte encoberta, e pela maior parte lhes servem os mesmos vestidos de mortalha, porque a pressa lhes não dá logar a outra.

Vencido do temor da morte o amor das riquezas, e esquecida sem reparo a estimação das alfaias mais preciosas, se entregam estas ao fogo, buscando-se de boa vontade entre os desperdicios da fazenda alguma pequena esperanza de conservar a vida. As ruas, as praças, e as Igrejas alastradas de corpos mortos, formam aos olhos o mais lastimoso espectaculo, a cuja vista invejam muitos a sorte dos que morrem primeiro, por não verem morrer aos mais. Os povoados se trocam em desertos, e esta mesma soledade accrescenta o temor e o assombro. Negam-se os amigos a qualquer acção de piedade, porque toda a piedade é perigo; e como todos o padecem igual, apenas se compadecem uns dos outros. Afogando-se ou esquecendo-se nos horrores de tamanha confusão, todas as leis do amor e natureza, são improvisamente

apartados os filhos dos paes, as mulheres dos maridos, os irmãos e os amigos uns dos outros, apartando-se vivos (ausência lastimosa) para não se verem mais n'esta vida. Os homens perdendo o valor natural e não sabendo dar-se a conselho, andam como cegos e assombrados, tropeçando e cahindo a cada passo em seu proprio temor e desacordo. As mulheres com prantos e alaridos lastimosos, fazem a maior confusão, pedindo remedio em um mal que o não tem. Choram os meninos com innocentes lagrimas, e ajudam a sentir o que não sabem conhecer.

Dentro cresce o damno, e nem de dentro nem de fóra, apparece esperança de remedio. As nações vizinhas se fecham e recatam com summa vigilancia e rigor, tratando aos miseros pacientes não so como estranhos, mas inimigos, negando-lhes todo o refugio e soccorro, e olhando-os de longe com horror e espanto, como a homens que trazem a morte consigo. Assim são constrangidos os infelizes a soffrer e a aturar a pé quedo este cruel açoute, que os fere e destroe com fatal ruina, sem distincção de idade, sexo ou fortuna. Pelo excesso desmedido deste tão grande mal se ha de medir a fineza d'aquelles que servem e ajudam aos feridos d'elle, sacrificando voluntariamente a vida nas aras da caridade. E' certo que amar e servir ao proximo, conforme o preceito do Senhor, é acto meritorio, d'onde é infallivel consequencia, que quanto maior for o trabalho, disvelo e perigo d'aquelle que ama e serve ao proximo, tanto maior será o seu merecimento; mas se o homem não só ama e serve de qualquer modo, senão que chega a pôr e a expôr a vida em serviço, e obsequio do proximo, esse então é sem duvida o quilate mais fino do amor, o ponto mais alto do merecimento e o extremo mais subido além da obrigação: disse-o o mesmo Senhor: *Maio rem hac*

dilectionem nemo habet, quàm ut animam suam ponat quis pro amicis suis.

Quem se expõe a perder a vida pelo proximo, ama o proximo mais que a si mesmo, e isto não só é encher os preceitos da caridade, mas tambem excedel-os. Amar ao proximo como a mim mesmo, é um acto maior que todos os sacrificios: assim o lemos no Evangelho de S. Marcos. Logo o amar ao proximo mais que a mim, não só excede a quantos sacrificios ha, mas tambem áquelle amor tão encarecido, que excede a elles. O character dos Christãos é o amor mutuo e reciproco de uns para outros; mas o que põe a vida no nosso caso, ama com amor mais fino que o reciproco, porque ama sem igual correspondencia, morrendo por quem não morre por elle, circumstancia que singularmente realça a presente extremosissima fineza. E' pois tal a fineza heroica e gloriosissima que obram aquelles que morrem servindo aos apestados, solicitando-lhes o remedio ou alivio e sobretudo, procurando-lhes a salvação, amando-os mais que a sua propria vida, que muitos Santos Padres lhes dão o titulo de Martyres, e este dá a Igreja no Martyrologio Romano no ultimo dia de Fevereiro aos que morreram na Cidade de Alexandria ministrando n'uma cruelissima peste que n'aquella Cidade se ateou no tempo do Imperador Valeriano.

Por muitas vezes feriu este cruel açoute o nosso Reino de Portugal, principalmente depois que se começaram as conquistas de Africa, onde a peste é como annual, nascida da propriedade da terra. E' digno de observar-se, que antes da tomada de Ceuta e depois da perda de El-Rei D. Sebastião, rara vez houve peste em Portugal e quasi sempre a houve no tempo intermedio, no qual continuamente iam e vinham armadas e soldados d'este Reino

para Africa e de Africa para este Reino. Eram muitas as praças que lá dominavamos, não só na costa do mar, mas no interior do sertão; era grande o commercio e trato que os nossos tinham com os Mouros avindos e tributarios, além das entradas que faziamos pelas povoações dos inimigos e d'esta communicação tão contínua e frequente nascia pegar-se aos nossos o contagio da terra e d'elles se derivava ao Reino de tal maneira, que era nelle a peste já quasi perenne e successiva. Achando-se esta ateada na Villa de Espozende, que fica na foz do rio Cavado da parte do Norte, distante duas leguas e meia do nosso Convento do Monte da Franqueira, sahiu d'elle no anno de 1564 a administrar os Sacramentos aos apestados o P. Fr. Antonio da Guarda, Religioso de muita virtude e raro exemplo, o qual ferido do dito mal, acabou em o Senhor, offerecendo a vida pela caridade do proximo, e jaz sepultado junto á Igreja principal d'aquella Villa.

CAPITULO X

*Do virtuoso servo de Deus Fr. Gonçalo de Guimarães,
sepultado neste Convento*

Com justa razão acclama a Escripura Sagrada ao Santo Profeta Elias, zelador da honra de Deus e de sua Lei, porque este zelo, segundo a sua communissima definição, é uma virtude preclarissima, a qual quanto é possível e com todas as forças procura e entende a gloria de Deus e des-

truir tudo o que a esta gloria é contrario. N'esta virtude, entre outras muitas, foi singular o Santo Profeta Elias, e nella tambem, entre outras, foi especial o nosso servo de Deus Fr. Gonçalo de Guimarães, porque no seu tempo não houve outro maior zelador das Leis da Religião e santos costumes da Provincia. Foi este bom Religioso natural da famosa Villa de Guimarães, filho de paes nobres e ricos: na flor de sua idade, deixando o mundo, recebeu o nosso santo habito em o Convento da Assumpção de Azurara em 20 de Dezembro de 1583, sendo Ministro Provincial o virtuoso Padre Fr. Pedro de Abrantes. Em o anno do noviciado adoeceu gravemente; mas como já dava mostras e evidentes esperanças de que havia de ser perfeito Religioso, como o foi, o mandaram para o nosso Convento de S. Fructuoso para nelle se curar e depois de convalescido nelle lhe deram a profissão.

Setenta e sete annos viveu na Religião, sendo d'ella zelosissimo, observando-a com todo o rigor e fazendo-a observar aos mais, por cujo motivo foi nesta Santa Provincia muitas vezes Guardião; e attendendo á sua muita Religião e virtude, sem ser Definidor, o fizeram Ministro Provincial no Capitulo que se celebrou no Convento de Santo Antonio de Evora em 21 de Janeiro de 1617, em que presidiu o Reverendissimo P. Vigario Geral da Ordem Fr. Antonio do Trejo, e sendo elle de trinta e quatro annos de habito; e como no anno seguinte se celebrasse na Cidade de Salamanca Capitulo Geral da Ordem em 2 de Junho, na Vigilia de Pentecostes, em que sahiu Ministro Geral o Reverendissimo P. Fr. Benigno de Genova, se achou no dito Capitulo com o Custodio Fr. Christovão de Vouzella, Religioso de não menos virtudes e Provincial, que immediatamente tinha sido a elle. Visitou a Provincia tres vezes, como então se costumava, só

com seu companheiro, entregue totalmente á Divina Providencia, como sempre fazia em subditos, sem levar para o caminho, por mais desamparado que fosse, nem ainda uma fatia de pão, nem permittia que o companheiro a levasse, pelo que lhe succedeu em uma occasião, fazendo jornada no Alemtejo, achar-se no caminho desfallecido, e perguntando ao companheiro se trazia algum pedaço de pão para comer, e respondendo-lhe que se não atrevêra a trazel-o, porque elle lh'o prohibira, o mandou que fosse a um monte (que são no Alemtejo os casaes que ficam mettidos nas charnecas, em grande distancia dos povoados, e chamam-se montes por serem situados em mais alto que o largo da charneca) pedir algum soccorro. Assim o fez o companheiro e lhe deram um pedaço de pão de segunda, ou, como lá chamam, de rara, e com elle qual subcinericio pão de Elias, fortalecido continuou o caminho até ao monte de Deus Horeb, que tal é cada um dos nossos Conventos.

Sempre andava buscando occasiões em que exercitar a virtude da humildade e por isso succedendo fazer noite em algum Convento de outra Provincia, callava o officio que tinha para que o não tratassem com respeito. Succedeu de uma vez ficar-lhe o companheiro por molesto no caminho algum tanto atraz e chegar elle a um d'aquelles Conventos, e perguntando-lhe o Porteiro d'elle quem era, disse que era um Religioso da Provincia da Piedade; e ainda que o via velho venerando, com o desprezo com que se tratava, parecia desmazellado, e como tal o tratou o dito Porteiro e mais Religiosos do tal Convento e assim o agasalharam, ainda que com caridade, com menos estimação do que se o conheceram, no que elle se deu por muito contente por lhe succeder como desejava, Chegou depois o companheiro e perguntando ao Porteiro se esta-

ria, ou chegaria áquelle Convento o Ministro Provincial da Provincia da Piedade, respondeu que não: instava o companheiro a dizer que não podia ser; e quanto mais instava, tanto mais o Porteiro affirmava que não estava. Perguntou-lhe então o companheiro se estava alli algum Religioso agazalhado que não fosse da sua Provincia? Respondeu que alli chegára um pobrezinho, velho Capucho, desprezível, e que o tinham agazalhado em uma cella. Elle é, replicou o companheiro, o nosso Ministro Provincial. Ficou admirado o Porteiro e mais Religiosos d'aquelle Convento e muito mais edificados da humildade e desprezo do servo de Deus, quanto este descontente por ser conhecido por Ministro Provincial de uma Provincia.

Com se exercitar este servo de Deus continuadamente em actos de humildade, sempre lhe parecia que os outros eram mais humildes, que esta é a propriedade do verdadeiro humilde. Soube que um Provincial depois d'elle costumava ir em pessoa dar de comer aos pobres e lavava os pés aos Noviços, e achando-se com o Religioso, que o acompanhou no seu Provinciado, lhe disse com tanta inveja: *Ai, irmão, que nada fizemos.* Nada lhe parecia a sua humildade á vista da dos mais. Um acto humilde dos outros lhe parecia o tudo, e tantos e tão repetidos actos seus lhe pareciam nada, sendo este nada o tudo para com Deus. Sendo Prelado, como ardia em zelo da Religião, qual outro Elias no zelo da Lei de Deus, não deixava passar a mais minima cousa de defeito que não reprehendesse e castigasse, attendendo que os defeitos pequenos por desprezados vem a dar muitas vezes em grandes. Por qualquer defeito mandava despir os subditos e açoitar, e dizia que se não fosse por satisfação da culpa que tivessem commettido, seria por merecimento. Depois de Provincial lhe perguntou por graça um Reli-

gioso, se fazia escrupulo das muitas disciplinas que dera? Respondeu: *Das que eu não dei faço escrupulo e não das que dei.*

Acabado o triennio do seu Provinciadio, se retirou para este Convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira, qual Elias ao Monte Carmelo: nelle viveu mais de trinta annos continuos, entregando-se em todos elles com grande cuidado a oração, vigílias, jejuns e mais exercicios de penitencia. Se a este servo de Deus se fizesse a pergunta que o mesmo Senhor fez a Elias, estando na cova do Monte Carmelo retirado, perguntando-lhe que fazia alli, com verdade daria a mesma resposta que Elias deu, que estava mettido na cova d'aquelle Monte todo cheio de zelo da honra do Senhor Deus dos Exercitos; que estava n'aquelle Monte da Franqueira, qual Elias no Monte Carmelo, cheio de zelo da observancia da Religião e santos costumes da Provincia. Por causa d'este santo zelo a todos os Capitulos Provinciaes mandava muitas folhas de papel cheias de advertencias concernentes ao bom governo, augmento da Regular observancia, perfeição da nossa Santa Reforma e esplendor da Provincia; e quando os Provinciaes vinham áquelle Convento, particularmente lhes fazia as mesmas advertencias. D'este santo zelo não pertendia mais que a honra e gloria de Deus, que é só o que se deve pertender em semelhantes advertencias.

Na contemplação dos Divinos Mystérios assistia este perfeito Religioso de dia e de noite, e no Côro a todas as Missas que na Igreja se diziam. Celebrava com grande piedade e com muita devoção e lagrimas tratava o Divinissimo Sacramento, as quaes eram muito copiosas, quando commungava. Amava grandemente o silencio, por cujo respeito escolheu morar no dito Convento, por ser apartado da communicação e trato dos seculares, e não

só com estes, mas ainda com os Religiosos raras vezes falava. Por esta causa procurava sempre viessem para aquelle Convento Frades mais regulares e dados ao exercicio da oração. Muito de madrugada costumava ir para o Côro, e como em preparação para orar se disciplinava rigorosamente, tinha tres differenças de disciplinas para usar d'ellas segundo a sua devoção; e depois que já não podia pela sua muita velhice levantar-se da cama, se disciplinava com uma de corda de viola. Tudo nelle eram rigores e asperezas: em lhe dando espirito de se açoutar, não reparava se era de dia ou de noite; se estava á porta da Igreja aberta ou fechada; se estava cheia de gente ou não: não se governava senão pelo espirito e não havia quem lhe fosse á mão a isso, nem elle tinha outro alivio mais que atormentar-se, gemer, chorar e suspirar por Deus e muitas vezes em altas vozes.

Todas as suas deprecações acompanhava com lagrimas, em que desabrochava facilmente por dom do Altissimo, succedendo muitas vezes, quando descia á cerca, que n'aquelle Convento é espaçosa e solitaria, ser tal o fervor do seu espirito, que se abraçava com as arvores, lançando ao Céu muitos suspiros e ordinariamente tão altos, que se ouviam no Convento. Mais por exercicio da virtude, que por necessidade, frequentava o Santo Sacramento da Penitencia com grande humildade e submissão, e havia dia que se confessava mais que uma vez, só afim de alcançar o fructo d'aquelle Santo Sacramento. Era muito abstinente, não comia mais que o que era necessario para passar a humana vida: o seu comer ordinario era só pão e quando muito com elle alguns ovos ou manteiga fresca: outras vezes uma tigela de caldo e essa algumas d'ellas enchia de pão e a punha de parte para os pobres; e tendo este o officio de Porteiro no Convento do

Valle de Piedade do Porto, passou uma Quaresma toda totalmente descalço e só com pão e laranjas. Mandavam-lhe seus parentes cousas de mimo e regalo, tudo guardava e repartia com os pobres e doentes, assim de casa como de fóra, com muita caridade e amor.

Não lhe faltaram tribulações em sua vida, as quaes levava com muito soffrimento, levantando as mãos para o Céu e dando a Deus graças, qual outro Santo Job. Depois de passadas muitas mortificações, vigílias e penitências, em que se exercitou mais de sessenta annos, sem querer gozar das poucas e limitadas isenções que na Provincia se concedem aos Religiosos de sua dignidade e velhice, chegou ao fim da vida tendo mais de oitenta annos de idade; e recebidos todos os Sacramentos falleceu no de 1650. Seu rosto, que emquanto vivo estava cheio de rugas e disforme com a penitencia, depois de morto ficou formosissimo. Tanto que se soube de sua morte na Villa de Barcellos e mais vizinhanças, acudiu muito concurso de gente a vel-o, porque todos o veneravam por santo e com instancia pediam lhe dessem alguma cousa de seu uso; mas como era verdadeiro zelador da pobreza Serafica, depois de lhe levarem as contas e outras semelhantes alfaias de pobre penitente, que é só o que se lhe achou, uns devotos Cavalheiros da Villa lhe chegaram a cortar as unhas e os cabellos do circillo da cabeça, estimando isto por reliquias; e pela fé que tinham n'ellas, um d'elles tendo um menino moribundo com um garrotinho, lhe applicou á garganta os cabellos do servo de Deus e sem lhe fazer outro remedio algum, logo de repente sarrou e foi folgar com outros da sua idade. Era este menino filho de João de Faria Machado, da Quinta da Bagoeira, cujo pae lhe applicou os cabellos do servo de Deus Fr. Gonçalo.

CAPITULO XI

*Do perfeitissimo Varão Fr. Agostinho de Fragoso,
sepultado no mesmo Convento*

Diz Deus pelo Profeta Isaias na exposição do Doutor Maximo S. Jeronymo e na Annotação da Biblia, que aos castos no corpo e alma fará sua torre forte e terão o gráu do sacerdocio, e que lhes dará muitos filhos espirituaes e um nome sempiterno, que nunca acabará. Este grande nome deu ao nosso Fr. Agostinho de Fragoso (assim o devemos crer) porque foi tão casto, que morreu virgem ; foi torre forte do Senhor, que resistiu aos combates mais violentos da luxuria ; foi Sacerdote perfeito em superior gráu ; e foi finalmente Prégador de tal espirito, que pela sua doutrina e suavidade de suas palavras lhe deu Deus innumeraveis filhos espirituaes. Nasceu este perfeito Varão como assucena candida entre espinhos e como flor do campo entre as pedras de *Fragoso*, freguezia de seu sobrenome, a qual dista da Villa de Barcellos para a parte do Norte pouco mais de uma legua e é tradição que antigamente se chamava *Valverde*, e que passando por alli a Rainha Santa Isabel de Portugal, quando ia de romaria para Sant-Iago de Galiza, perguntando como chamavam àquelle sitio e dizendo-lhe que *Valverde*, ella vendo-o tão cheio de pedras e aspero, respondêra : *Fragoso lhe chamo eu*, e d'alli lhe ficara o nome de *Fragoso* ; mas não é tão

fragoso que não seja abundante de muitas e bellas aguas e de muitos e excellentes fructos, e o melhor que produziu foi o nosso Fr. Agostinho e este bastava para o seu maior credito.

Eram seus paes lavradores ricos, que são os magnates d'aquella freguezia: era filho legitimo de Salvador Vaz e Isabel Alvares: puzeram-lhe no Baptismo o nome de Agostinho, talvez por superior instincto, prevendo que havia de ser remontada aguia na perfeição. Deu-lhe Deus os dotes da natureza de formosura, gentileza e discrição: era de muito agradavel presença e não menos na conversação de genio docil e brando, e finalmente em tudo perfeito. Puzeram-no seus paes ao estudo no Collegio da Sagrada Companhia de Jesus na Cidade de Braga, e vendo aquelles Religiosos Padres a sua modestia, o seu recolhimento e o quanto aproveitava no estudo, sendo todo o seu divertimento o estar sobre os livros, o convidaram para ser Religioso seu, o que elle não acceitou, porque Deus o reservava para verdadeiro filho do Serafico Patriarca. Vendo os Padres que não acceitava, um d'elles o convidou para tomar estado com uma sua irmã, fazendo-lhe um grandioso partido, talvez tendo para si que elle não quereria ser Religioso. Este foi o primeiro combate que elle teve para o fazer violar a sua pureza; mas como a pudicicia, segundo Santo Agostinho, é virtude da alma, que tem por companheira a fortaleza, esta lhe deu animo para a repulsa com humildade, submissão e agradecimento.

Mandaram-no seus paes para a Universidade de Coimbra, onde continuando incansavelmente nos estudos d'aquella Athenas Lusitana, o tornaram os Religiosos Padres da Companhia a combater para que fosse seu Religioso; mas se da primeira vez em Braga não acceitou, muito

menos em Coimbra. Por fugir a semelhantes combates e aos perigos do mundo, sabendo o rigor da nossa Santa Reforma, tanto lhe agradou, que com uma vocação resoluta foi pedir o nosso santo habito ao nosso Convento de Santo Antonio de Olivaes. Era n'aquelle tempo n'elle Guardião um bom Religioso, chamado Fr. Diogo de Braga, que tinha authoridade do Ministro Provincial para aceitar Noviços, que com boa vocação d'aquella Universidade quizessem ser Religiosos nossos, o qual vendo a boa presença do pertendente, junta com a grande modestia e humildade, logo o acceitou e lhe lançou o habito em 11 de Janeiro de 1619, sendo de idade de vinte annos pouco mais ou menos e sendo Ministro Provincial o virtuoso servo de Deus Fr. Gonçalo de Guimarães, de quem démos noticia no Capitulo antecedente, no ultimo anno do seu triennio. Não podendo o demonio soffrer que um mancebo na flor da idade, com prendas de gentileza e formosura, assim zombasse d'elle, lhe armou a cilada mais subtil e lhe propoz o combate mais forte, que com muito menos a outro poderia vencer e com facilidade faria cahir.

Foi o caso que uma donzella nobre e rica d'aquellas partes de Coimbra, indo ao Convento de Santo Antonio dos Olivaes, onde Fr. Agostinho estava Noviço, vendo-o, tanto lhe agradou, que recolhendo-se para sua casa e valendo-se de certo homem seu confidente, por este lhe escreveu uma carta, mandando-lhe juntamente com ella uma cadeia de ouro de trezentos mil réis de peso, e convidando-o na carta com mil affectos que sahisse do Noviciado para casar com ella. Não podia o demonio buscar mais fortes armas para vencer ao novo soldado da milicia de Christo; mas este mais valoroso que o forte Sansão se não deixou vencer dos enganos e caricias de Dalila, nem consentiu que ella o prendesse com tão forte

cadeia. Não obstante serem os nossos Noviciados apertados e os Noviços n'elles tratados com particular vigilancia e guardados de seu Mestre e Corista pedagogo, como o demonio era o que guiava para fazer a sua, arbitrou meio e occasião ao mensageiro da carta para a entregar ao Noviço na occasião em que com outros ia buscar lenha para a cozinha á casa que a costuma ter. Guardou elle a carta e a occultou, não prevendo de quem fosse, nem o que continha; mas lendo-a depois na cella, esperou occasião de o Mestre lhe dar tinteiro para trasladar os exercicios espirituaes, como se costuma n'esta Santa Provincia, que só n'esta occasião e para semelhante escripta se concede aos Noviços, e deu resposta á carta com tanto espirito, resolução e desengano, que aquella Dalila se não atreveu mais a requestar ao nosso fortissimo Sansão.

Não se atreveu tambem o demonio mais em o Noviciado a tentar ao nosso Fr. Agostinho. Chegou o tempo da profissão e a fez com summo gosto e alegria nas mãos do Guardião Fr. André de S. Pedro do Sul em 12 de Janeiro de 1620, sendo Ministro Provincial o grande servo de Deus Fr. Pedro de Lordello. Vendo-se o demonio escarnecido e o quanto Fr. Agostinho crescia na virtude na Religião e a guerra que lhe fazia com seu exemplo e procedimento, invejoso tomou novos alentos e como Leão lhe propoz batalha, não menos forte que a do Noviciado, em um caminho, fazendo jornada; mas se da primeira vez ficou vencido, n'esta segunda ficou totalmente destroçado, acabando de uma vez ás mãos d'este sempre valoroso Sansão. Fazia elle uma jornada, em que lhe foi forçoso pernoitar no caminho em casa de um bemfeitor nobre e rico; e como fosse de tão agradavel presença e bom parecer, se lhe affeioou desordenadamente uma filha do

mesmo bemfeitor que o agazalhava, e instigada pelo demónio, o buscou de noite em o aposento onde estava recolhido. Estranha perversão da lascivia buscar incentivos para a torpeza na mortificação e penitencia, que com seus exemplos persuadem compunção e castidade! Deu lugar áquella donzella a que seu torpe pensamento o tomasse muito de assento em seu entendimento e este lhe accendeu lascivos desejos na vontade; e para lograr seu intento, tomou a resolução mais indigna que cabe em uma mulher, qual foi não esperar que a solicitasse o rogo, em que tivera alguma leve desculpa a sua leviandade, mas sim comprar o logro de seu appetite á custa de sua mesma vergonha, que é o cabedal mais precioso das mulheres.

O virtuoso Varão que se achava desimaginado de tal perigo, tanto que a sentiu e conheceu quem era, lhe falou com seu natural agrado, affeando e estranhando muito a sua presença n'aquelle lugar, até que ella com intrepida insolencia lhe descobriu seu depravado intento. Ficou o servo de Deus confuso, pelejando em seu interior como perigo e escandalo, e seu mesmo escandalo lhe dava alentos para vencer o perigo. Banhado pois seu rosto com a formosa côr da vergonha e affeando com modestas e efficazes palavras a torpe temeridade da donzella, que tinha já abandonados o pejo e o recato, lançou mão da arma mais forte, conforme a doutrina do maior Mestre de espirito o Apostolo S. Paulo, para vencer, que foi o fugir por uma janella, lançando-se d'ella abaixo com evidente perigo de vida e não foi pequeno milagre ficar com el'a; mas o seu abrasado espirito lhe deu azas para voar e não cahir. Como havia de ter nem ainda o mais minimo perigo do corpo quem se expunha a tão perigoso salto, por fugir a uma quêda da alma? Com esta acção ficou a don-

zella confundida e tratou logo com toda a instancia de se metter Religiosa, como se metteu e viveu na Religião santamente. Que mais podia fazer um casto José filho de Jacob no Egypto, fugindo ao desordenado appetite de sua senhora? Muito contrarios effeitos foram os d'esta do que os d'aquella donzella; porque na senhora de José o desprezo com a fuga trocou o amor em odio capital e na donzella do nosso caso o desprezo com a fuga corrigiu seu desordenado appetite e com uma mudança toda feita pela mão do Altissimo contrapezou as ousadias de sua torpeza, confessando com humildade sua culpa e acautelando para si aquella virtude da castidade, a que expoz tão perigosas idéas.

Outro semelhante caso succedeu ao nosso grande Padre S. Bernardino de Sena; mas este puchando das disciplinas da manga, com um chuveiro de açoutes apagou o fogo da lascivia áquella senhora que com a capa da esmola lhe queria roubar a preciosa joia da castidade, e a fez expressar o seu arrependimento e confessar seu erro; o nosso Fr. Agostinho com a sua precipitada fuga não só affugentou d'aquella donzella a lascivia presente, mas tambem foi a causa de ella clausurada perservar a futura. Diz o Veneravel Beda, que maior milagre é extinguir da propria carne o fogo da luxuria, do que lançar fóra demonios dos corpos alheios; e o nosso Fr. Agostinho não só extinguiu aquelle terrivel incendio em si, mas tambem fazia que os demonios já mais o accendessem e levantassem nos corpos alheios, e isto é ainda maior prodigio. Viveu sempre depois d'este caso com singular recato, para que outro lhe não succedesse, e d'ahi por diante o amor impuro occasionado de sua natural formosura e modestia passou a veneração de sua santidade em toda a pessoa que n'elle punha os olhos. A seu tempo foi orde-

nado de Sacerdote e o foi perfeitissimo: foi instituido Prêgador, cujo officio exercitou com toda a satisfação, ardendo tanto em seu peito o fogo da caridade e desejo da salvação das almas, que em seus Sermões reprehensivos parecia que lhe sahiam abrasadas chammass pela boca.

Nunca se ouviu de sua boca palavra ociosa: as poucas que dizia, por ser muito amigo do silencio, que é a guarda da alma, eram tão reguladas pela razão, que nenhuma d'ellas nem ainda levemente offendida a modestia Religiosa. Do recolhimento interior é prova a exterior composição, porque o exterior composto argúe interior recolhido; e segundo isto, era grande o recolhimento interior com que este perfeito Religioso andava, porque a sua composição e honestidade era tanta, que inclinava á virtude a quem o via e conversava. Foi tão puro e casto, que morreu virgem, de tal sorte, que affirmava o Confessor, que ultimamente o confessou geralmente (que foi um Fr. Manoel de Ponte de Lima, que morreu com opinião de muita virtude e está sepultado no Convento da Villa de Barcellos) que nem ainda o mais leve pensamento contra a castidade lhe achára em toda a sua vida. O tempo, que podia tirar ás mais occupaões, gastava em oração e por melhor vacar a este celestial exercicio, amava muito a soledade, causa que o levou ultimamente para este deserto Convento do Bom Jesus da Franqueira, como mais apartado do trato e communicacão dos homens, onde viveu alguns annos santissimamente todo entregue á oração, abstinencias e officios de caridade.

Fugia como verdadeiro humilde de todas as estimaões e honras, e por isso foi só duas vezes Guardião, mais obrigado da obediencia, que propria vontade. Da ultima, que foi do Convento de Santo Antonio de Ourem, sahiu Definidor no Capitulo que se celebrou em o Convento de

Villa-Viçosa em 12 de Maio de 1652, em que sahiu Provincial o R. P. Fr. Paulo de Evora. Acabando de Definidor actual, o mudaram para o Algarve, onde morou alguns annos nos Conventos d'aquelle Reino, e adquiriu alguns achaques com o muito que lá padeceu (que são os figos, que os filhos de Entre Douro e Minho de lá traziam e lá comiam) e com elles se recolheu ao Convento do Monte da Franqueira. Achando-se neste Convento socegado, e procurando o Ministro Provincial da Santa Provincia de Santo Antonio d'este Reino, Visitador para ella, pediu ao douto P. Fr. Antonio de Serpa, Author da Chronologia Eucharistica, Bispo eleito de Cochim e Guardião que era actualmente no nosso Convento dos Olivaes de Coimbra, que lhe nomeasse um Religioso da nossa Provincia de capacidade para o dito munus, e elle lhe nomeou a Fr. Agostinho, dizendo que não havia outro de maior capacidade em lettras e virtude.

Assim o pediu o dito Ministro Provincial ao Reverendissimo Padre Geral, e lh'o concedeu; mas sendo-lhe apresentada a Patente, com toda a humildade se escusou com o pretexto dos seus achaques, sendo que era mais por fugir á honra, estimação e inquietação de semelhante empresa. Instava o Padre Provincial que acceitasse, mas não o podendo vencer, lhe pediu que nomeasse outro e elle sem saber que o tinha nomeado o R. P. Fr. Antonio de Serpa, a este nomeou, dizendo que em lettras e virtude nenhum melhor, e este foi o Visitador e ficou Fr. Agostinho socegado em seus santos exercicios. A todos punha espanto a admiravel paciencia com que soffria os trabalhos e graves enfermidades que teve. Na ultima, vendo que lhe chegava o fim da vida, pediu aos Religiosos que o levassem á Capella maior da Igreja, onde lhes fez uma pratica, a que o logar deu mais espirito e o tempo mais

atenção: n'ella os exhortou á perfeição Religiosa com muito fervorosas e efficazes palavras cheias de celestial doutrina. Tornando á cella, como se lhe agravasse a enfermidade, perguntou um dia de que santo era; e respondendo-lhe que de Santo André Apostolo, disse: *Esse Apostolo de Christo me ha hoje de introduzir na sua Gloria*. Recebeu logo os Sacramentos e no mesmo dia, como tinha dito, tomou o caminho da eternidade em o anno de 1666, com quarenta e sete de Religião, sessenta e sete de idade e muitos mais de merecimentos para com Deus.

CAPITULO XII

De outros Religiosos, que acabaram a vida santamente n'este Convento, e n'elle estão sepultados

Não folga a verdadeira virtude de apparecer, nem de ser vista, e por esta causa os que deviam expressar as virtudes alheias não tem a curiosidade de as escrever, por não as pôr em publico, e assim as deixam sepultadas no silencio dos claustros com os mesmos que as obraram, sem mais memoria d'ellas que o epitafio do esquecimento. Assim o mostra a experiencia n'este Convento do Monte da Franqueira, que pelo sitio, e habitação está respirando santidade, por cuja causa teve sempre o titulo de Sanctuario da Provincia, e são tão escassas as memorias que achamos dos Religiosos que n'elle acabaram a vida (que

é de crêr foram muitos), que ainda dos poucos, de que agora escrevemos o pouco que d'elles relatamos, foi mendigado de varias partes e colligidos de varios escriptos, que a diminuta curiosidade nos deixou. O primeiro que se nos offerece é o P. Fr. Paulo de Monsão, natural da Villa de seu sobrenome, Praça de armas, junto ao rio Minho, Arcebispado de Braga, Religioso que entre as mais partes boas tinha o ser pelo mundo tão nobre, que os Reis de Portugal haviam fiado de seu sangue a sua Secretaria de Estado. Este sendo de idade de dezesete annos não completos recebeu o nosso santo habito em o nosso Convento de S. Fructuoso da Cidade de Braga, sendo Ministro Provincial o R. P. Fr. João do Porto, e Guardião do Convento o P. Fr. Manoel de Coimbra e por este ter ido para Capitulo, professou nas mãos do Mestre dos Noviços o P. Fr. Sebastião de Lisboa em 20 de Outubro de 1612.

Foi este servo do Senhor ornado de tantas e taes virtudes, que o n'ellas sempre memoravel Fr. Francisco de Villa Viçosa, sendo Vigario Provincial, o tomou por seu Secretario, sendo assim que lhe não era vizinho na patria, senão muito desviado; mas se distantes na patria, eram muito propinquos nos costumes de vida e por isso se amavam muito, sendo certo, segundo os Philosophos, que naturalmente propende a appetencia de um para outro semelhante a si. Acabava Fr. Paulo de Guardiã do Convento de Santo Antonio de Ourem, quando o Veneravel Fr. Francisco o chamou para seu Secretario, o qual o acompanhou na visita da Provincia dilatada por todo o Reino. Vindo n'esta do Cabo de S. Vicente para Lisboa, ainda no Bispado do Algarve, lhes anoiteceu no caminho entre Aljezur e o de Seixas, dois lugares, que de um a outro são duas leguas muito grandes, e obrigados da necessidade se determinaram recolher em um monte que

viam estar algum tanto desviado do caminho. Chamam-se montes n'aquellas terras aos casaes ou lugares pequenas que estão dispersos pelas charnecas. Chegados os dous bons companheiros áquelle que viram, o acharam despovoado sem gente e com tanta agua, que parecia um rio, por estar não só deserto, mas também destelhado e o anno ser muito invernososo, qual foi o de 1635, e o fim do precedente, em que a agua tinha sido demaziada, tanto que logo ao Reino se seguiram muitas fomes causadas das grandes chuvas e outras muitas calamidades, em que n'aquelle tempo se via Portugal.

N'este anno pois, de 1635, tão invernososo e de tantas inundações e diluvios, foi a jornada dos dois servos de Deus quando no dito monte se acharam sem gente e sem telhado, nem haver n'elle mais que uma casa descoberta e n'ella um estradozinho que alli ficára junto a uma chaminé, tudo muito cheio de agua. Feriu logo o Secretario fogo com um petisco, que levava, e ainda que por alli não havia outra lenha senão verde e molhada que elle andou ajuntando com um moço que comsigo levavam, ardeu como se fôra muito secca. Colheram também um braçado de junco, que por perto havia, lançaram-no no estradozinho e alli dormiram aquella noite, o Vigario Provincial sentado no estradozinho e encostado á parede e o Secretario Fr. Paulo junto a elle e encostado aos alforjes de seu officio, em que levavam as cousas que a elle pertencem, e papeis de importancia. Sendo a cama tão desabrida e deitando-se sem ceia, de tal maneira dormiram, que não acordaram senão dia claro e Sol nascido, sendo assim que confessava Fr. Paulo não poder tomar o somno nem um quarto de hora senão conforme o costume ordinario da natureza com o corpo estendido e então sentado com os pés encolhidos dormiu toda a noite,

sendo no inverno em o mez de Fevereiro, e a pousada tão desacommodada, como fica dito.

Em amanhecendo rezaram o Officio Divino no mesmo lugar onde dormiram, porque ainda que sempre o rezavam até á hora de Noa antes de amanhecer, o somno fez que aquelle dia o rezassem já com Sol. Depois de rezarem se partiram d'alli e em sahindo d'aquelle pardieiro acharam os caminhos e mattos correndo agua, como que toda a noite chovêra. Chegando ao Logar de Seixas e sabendo algumas pêssoas o mau agazalho, que tiveram, se compadeceram d'elles, dizendo-lhes que toda aquella noite chovêra e não podiam elles deixar de padecer muito com tão grande agua, a qual elles tiveram por muito certa, visto os caminhos que pareciam ribeiros. Comtudo n'elles não choveu, nem se molharam, nem cousa alguma que com elles vinha, nem interrompeu o somno o trabalho da pousada, nem o rigor do tempo, nem a chuva da noite, mas antes costumava dizer Fr. Paulo quando contava este successo, que juraria que nunca em toda a sua vida dormira noite mais consolado. Assim costuma Deus fazer aos que com perfeito coração o servem e amam. Como poderiam estes dous servos do Senhor passar mal aquella noite se tinham por si a protecção de sua Divina Magestade inclinada á sua rara virtude? A um S. Pedro de Alcantara e a outros muitos Santos sabemos que fez o mesmo Senhor semelhantes favores,

Foi o P. Fr. Paulo muitas vezes Guardião e sahiu Definidor no Capitulo celebrado em Villa Viçosa aos 18 de Janeiro de 1642, em que foi eleito Ministro Provincial o grande servo de Deus Fr. Jeronymo do Sardoal, o qual Capitulo foi annullado por Roma, sendo Summo Pontifice Urbano VIII e por auctoridade sua, sanado e confirmado, ficando os mesmos Prelados e Meza da Definição, que se

tinham feito n'elle. Depois sahiu Custodio no Capitulo que se celebrou no mesmo Convento de Villa Viçosa em 12 de Maio de 1652, em que foi eleito Ministro Provincial o R. P. Fr. Paulo de Evora e Definidor actual o castissimo Fr. Agostinho de Fragoso, de quem escrevemos no capitulo antecedente. Sendo já velho, no anno de 1662 o mandou o Ministro Provincial a Lisboa accudir ao embaraço que os Religiosos da Reformada Provincia de Santo Antonio nos puzeram á fundação do nosso Convento de Santo Antonio de Guimarães, como em seu lugar diremos, tratando d'aquelle Convento. Era ainda viva a Rainha Dona Luiza de Gusmão, mulher de El-Rei D. João IV, e como era muito estimado e venerado da dita Senhora, folgou muito de o vêr e de lhe fallar, dizendo-lhe que por causa da sua velhice não cuidava de jámais o tornar a vêr. Recolheu-se para Guimarães com o negocio feito e lançada a primeira pedra no dito Convento de Guimarães se foi metter n'este do Monte da Franqueira, onde acabou a vida santamente. Não nos consta dia, mez ou anno de sua morte por incuria dos nossos antepassados.

N'este mesmo convento acabou tambem a vida o Irmão Leigo Fr. Pedro de Perelhal, natural da Freguezia de seu sobrenome, que dista da Villa de Barcellos pouco mais de meia legua para a parte do mar. De menino imitou a seus paes em o lavor de sua fazenda, exercitando-se em santos costumes. A singular vocação com que veio á Religião, se experimentou em todo o tempo que n'ella viveu, exercitando-se sempre em todo o genero de virtudes. No obediencia não só era prompto ás ordens dos Prelados mas tambem servia aos mais Religiosos com muita alegria no que o occupavam: na pobreza e castidade a todos era exemplar: na caridade e compaixão parece tinha o seu maior recreio, exercitando uma e ou-

tra virtude com demonstração de todo o amor, quando se lhe offerecia occasião: na oração e penitencia era tão continuo, que parecia d'isso se mantinha: na abstinencia foi tal, que sendo já muito velho e estando cego, e entrevado na cama, não deixava de jejuar o Advento e Quaresma, e só oito dias antes que morresse admittiu, por o obrigarem, o comer carne. Falleceu em 10 de Março de 1690, pelas cinco para as seis horas da tarde, em uma sexta-feira, sendo de sessenta e cinco annos e meio de habito e oitenta e seis de idade, pouco mais ou menos. Foi Noviço, e professou em o nosso Convento de Santo Antonio de Aveiro, sendo Ministro Provincial o R. P. Fr. Antonio do Seixo e Guardião do Convento o P. Fr. Luiz de Lisboa. No mesmo Monte da Franqueira jaz sepultado o P. Confessor Fr. Luiz da Barca, natural de Santa Maria de Muia junto á Villa da Barca, Arcebispado de Braga. Era Religioso muito sincero e falleceu em sabbado santo ao mesmo tempo que na Missa se principiou a cantar o Hymno dos Anjos: *Gloria in excelsis Deo &c.* e appareceu a *Alleluia*, em 5 de Abril de 1738, sendo de quarenta e nove annos de habito, pouco mais ou menos. Ficou o seu corpo flexivel e o esteve sempre até o metterem na sepultura..

Falleceu no mesmo Convento em 22 de Janeiro de 1742, sendo de oitenta e dous annos de idade, pouco mais ou menos e de habito sessenta e quatro para sessenta e cinco o P. Confessor Fr. Giraldo de Braga, natural d'aquella sempre augusta Cidade, o qual se chamava no seculo Fructuoso da Graça, prognostico da que Deus lhe communicou para fructificar as muitas virtudes de que foi dotado. Na profissão que fez em o nosso Convento de Aveiro, onde foi noviço nas mãos do famoso Prégador Fr. Antonio de Baião, sendo Guardião do dito Convento

mudou o nome por devoção que tinha ao preclarissimo Arcebispo Primaz de Braga S. Giraldo. Foi na Provincia muitas vezes Guardião, e sendo-o no Convento de Valle Piedade do Porto, foi eleito Custodio por morte do que era actualmente o P. Fr. Silvestre de Guimarães, Prégador e como não fosse Custodio dous annos completos, foi eleito Definidor no Capitulo seguinte, em que sahiu Ministro Provincial o Religiosissimo P. Fr. Manoel da Maia. Foi Religioso de conhecida virtude e muito regular, tanto que ainda sendo muito velho, não faltava a todos os actos da Communidade, no que era exactissimo, e na contínua assistencia do Côro e oração ainda fóra do tempo da Communidade. Era dotado de grande caridade para com todos: tão humilde, que sendo velho e Religioso grave, na falta de Acolyto, elle hia ajudar ás Missas: tão obediente, que apenas lhe diziam que assim o dissera ou mandara o Prelado, logo dizia: *Fazei, fazei o que diz o Guardião*; e elle assim tambem o fazia, ainda que lhe parecesse que era menos razão, que esta é a perfeição do verdadeiro obediente obedecer cegamente a tudo o que é licito, ainda que seja com menos razão mandado. Era de natureza branda e debil: morreu d'ella destituido, mas em seu juizo perfeito até o ultimo instante de sua vida, com perfeito conhecimento da morte e muito conforme com a Divina vontade. Tres Dias antes que morresse pediu ao Guardião que lhe mandasse administrar os Sacramentos, que se achava proximo á morte, ao que o Guardião não attendeu, por vêr que elle andava de pé, sem mais molestia que a velhice; porém o bom velho se confessou e foi á Igreja commungar e se foi preparando para a ultima hora, e aos tres dias passou ao Senhor em 11 de Setembro de 1754. Doze annos depois de sua morte se abriu a sua sepultura para se enterrar n'ella o P. Confessor Fr. Miguel

guel de Monte-Alegre e se acharam n'ella as contas, por que elle sempre rezava tão intactas e sãs e o cordão em que estavam enfiadas, como que se na mesma hora fossem lançadas na sepultura.

CAPITULO XIII

Congregações da Veneravel Ordem Terceira pertencentes a este Convento

Em algum tempo desejou saber N. P. S. Francisco se lhe seria mais conveniente permanecer na amavel solidão do seu retiro ou sahir a prégar aos povos e communicar com as creaturas o bem espiritual de suas almas: e entre duvidosas irresoluções do que faria, lhe foi respondido da parte de Deus, que não havia de viver para si só, senão tambem para o proveito e utilidade dos proximos, por quem havia derramado seu preciosissimo sangue nosso Redemptor Jesus Christo. Guiado pois o humano Serafim pela rectissima vontade de Deus, sahiu dos desertos, qual outro Elias no zelo ardendo e como outro Baptista prégando penitencia com tanto fervor e espirito, que todos os que o ouviam se achavam possuidos de assombro: uns chamavam aos outros para ouvir os Sermões do Santo e todos ficavam em um mesmo pasmo e admiração. Nada do mundo já lhes dava gosto, os paes se esqueciam dos filhos, os maridos de suas mulheres e estas de seus maridos: os opulentos de suas riquezas, os deliciosos de

seus regalos e os mercadores de suas lojas e ganancias: todos em catervas buscavam ao Santo Patriarcha, para que lhes dissesse o que haviam de fazer de suas vidas para melhor segurarem a salvação de suas almas, publicando a vozes que já não queriam mundo nem riquezas, conveniências nem delicias, e sómente queriam fazer penitencia de suas culpas.

Estando assim commovidos muitos Povos, Villas e Logares, no anno de 1221 aos trinta e nove de sua idade e quinze depois de sua admiravel conversão, quatorze depois da instituição da primeira Ordem e nove depois da segunda instituiu a Terceira, a quem chamou da Penitencia, na qual homens, mulheres, solteiros, donzellas, ecclesiasticos, seculares, ricos e pobres pudessem viver em o Senhor, e nenhum ficasse a quem se não pudesse estender o calor da sua ardente caridade; e d'esta sorte, como bem diz Santo Antonio Bispo de Florença, veio N. P. S. Francisco á maneira do Patriarcha Noé a fabricar uma Arca tricamerata, que consta das tres Ordens que instituiu para n'ella preservar a todos os que n'ella habitassem do diluvio dos vicios e da morte infernal. Esta Terceira Ordem tão louvada e recommendada pelos Summos Pontifices e pelas Leis da nossa Serafica Religião não cessam os filhos do Serafico Instituidor de conservar e augmentar por todo o Orbe Catholico, plantando-a ainda nos mais pequenos povoados e nas rusticas aldeias. Assim vemos n'este nosso Convento do Monte da Franqueira, que não tendo povo algum vizinho, como tem os mais Conventos, não cessam os Religiosos d'elle, de a plantar, conservar e augmentar pelas terras do seu districto com maravilhoso fructo das almas.

Em oito partes d'aquelle territorio se vê hoje estabelecida a dita Ordem Terceira, a saber, na antiga Villa de

Rates, que fica distante do Convento duas leguas; no antiquissimo Logar de Fão, que dista outras duas leguas; na Freguezia de Faria, que é a que lhe fica mais perto, não intermediando mais que o Castello; na Freguezia de Fonte Boa, que dista legua e meia; na Freguezia de Paradella, que dista uma legua; na Freguezia de Courel, que dista outra legua; na Freguezia de Gondifellos, que dista duas leguas e na de Viatodos, que dista outras duas leguas. Em todas estas Congregações tem Meza com Officiaes, que costumam haver nas mais partes e todas ellas dirige e governa um Religioso nosso do dito Convento, que é seu Commissario posto pelo Ministro Provincial. Todas foram erectas pelos nossos Religiosos e algumas d'ellas tão antigas, que se não sabe o tempo de sua erecção. N ellas se comprehendem tantos Irmãos e Irmãs não só dos logares e freguezias em que estão situadas, mas tambem das Freguezias circumvizinhas, que fôra difficultoso o reduzil-os a numero, por ser a gente d'aquellas terras tão veneradora de N. S. P. S. Francisco, que todos desejam alistar-se por seus filhos.

Muitos bons Irmãos Terceiros tem havido nas ditas Congregações: entre elles é um, que está sepultado no corpo da Igreja d'este Convento, em cuja sepultura se lê o leitreiro seguinte: *Jaz aqui Rodrigo, homem descuidado e peccador, indigno Irmão da Terceira Ordem de S. Francisco: pede uma Ave-Maria. Obiit 1 de Dezembro de 1710.* Chamava-se este virtuoso Irmão Terceiro, Rodrigo Mendes de Vasconcellos: era Fidalgo da Casa de Sua Magestade e Senhor da nobilissima Casa de Fervença, que fica perto do Convento ao descer do Monte para a parte do mar, o qual por sua humildade mandou pôr sobre sua sepultura o referido leitreiro, sem mais armas ou signaes de sua nobreza. Era muito esmoler e nosso

grande bemfeitor, como sempre o foi e é a sua nobilissima Casa. Era este Fidalgo juntamente Senhor da Casa de Sinfães no Bispado de Lamego, onde nasceu e Padroeiro da Igreja de São Miguel da Villa de Lazarim no mesmo Bispado: filho legitimo de Manoel de Vasconcellos Pereira, Senhor da Torre de Alvarenga, solar da nobilissima familia d'este appellido, e de Dona Anna Maria de Mello, filha de Manoel de Souza de Almeida, Senhor da Villa do Banho, e da Casa da Cavallaria, illustre solar da familia de Almeidas n'este Reino no Bispado de Vizeu, e Alcaide Mór da Villa de Alfaiates, a qual Senhora está tambem sepultada no mesmo corpo da Igreja do nosso Convento do Monte da Franqueira.

O dito Manoel de Vasconcellos Pereira, era irmão de Fr. Heitor Pinto, Cavalleiro da Ordem de S. João de Malta e Commendador na mesma Ordem, os quaes eram filhos legitimos de Miguel de Vasconcellos de Mello Pereira e de Dona Margarida de Miranda, filha de Gaspar Pinto de Miranda, Senhor de Real, e Paiva, e o dito Miguel de Vasconcellos era filho legitimo de Jacome Rodrigues de Vasconcellos Pereira, Senhor da Casa e solar de Alvarenga, descendente legitimo de Rui Mendes de Vasconcellos, Aio de El-Rei D. João I, o qual era filho de Gonçalo Mendes de Vasconcellos, Senhor de Figueiró e Pedrogão, insigne Cavalheiro e bem nomeado na Chronica do mesmo Rei D. João I, e de quem descendem os Vasconcellos da Casa do Illustrissimo e Excellentissimo Conde de Castello-Melhor. Era este D. Gonçalo Mendes de Vasconcellos, filho legitimo de D. Mem Rodrigues de Vasconcellos, Rico homem, Senhor de muitas terras, e muita valido de El-Rei D. Diniz, e contava muitos illustres avós até D. Rodrigo Velloso, filho de El-Rei D. Ramiro III de Leão. Ao sobredito Jacome Rodrigues de

Vasconcellos Pereira foi dada a Igreja de S. Miguel da Villa de Lazarim, que ainda hoje é apresentação da nobilissima Casa de Sinfães, e se presava ser dos Pereiras da casa dos Condes da Feira.

Casou o sobredito Rodrigo Mendes de Vasconcellos, que está sepultado no Convento do Monte da Franqueira, com Dona Antonia Luiza Folgueira Gaio, que ainda vive, senhora da Casa da Fervença, Commendadeira de S. Facundo no Ordem de Christo, e padroeira da Igreja de Santa Marinha de Real, a qual foi dada pelos freguezes a seu ascendente Aires Pinto no anno de 1445. E' a dita Senhora filha legitima de João Folgueira Gaio, Senhor da Casa da Fervença, mestre de campo de infantaria, e Governador das Armas no Porto e Vianna do Minho, e Dona Brites da Silva Gaio, filha de Melchior Pimenta da Silva, da Villa de Vianna do Minho, a qual Senhora tambem está sepultada no mesmo corpo da Igreja do Convento do Monte da Franqueira. Era o dito João Folgueira Gaio, irmão de Fr. Gaspar Carneiro, Bailio de Leça, e Grão Cruz na Religião de S. João de Malta, e de Fr. Pedro Carneiro tambem Maltez, e Senhor da Barca do Lago, cujo senhorio está hoje na mesma Casa da Fervença: erão todos filhos legitimos de Manoel Gaio Carneiro, Commendador de S. Facundo, e Governador do Castello de Villa do Conde, e de D. Maria de Miranda, irmã do Maltez Fr. Pantaleão Pinto de Miranda, e filha legitima de Gaspar Pinto de Miranda. Senhor de Real, e Paiva, e do Morgado de Sobrado, e de D. Maria Ribeiro, irmã de D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca.

Era o sobredito Manoel Gaio Carneiro, irmão de Fr. Pedro Carneiro, Cavalleiro da Ordem de S. João de Malta, e Capitão de mar e guerra da nau Rosario, que vendo-se atracado com naus de inimigos, pôz fogo á sua e tudo

consumiu em reputação das armas Portuguezas. Eram estes filhos legitimos de João Folgueira Gayo, Senhor do Morgado da Fervença, e da Barca do Lago, e de Dona Maria Carneiro, filha de Pedro Affonso Carneiro, e de Dona Brites de Couros, irmã de Fr. Manoel de Couros Carneiro, Cavalleiro de S. João de Malta. O dito João Folgueira Gaio era filho legitimo de Antonio Martins Gaio e de Dona Maria Folgueira de Valladares, Senhores e Instituidores do Morgado da Fervença. Teve o referido Rodrigo Mendes de Vasconcellos da dita senhora Dona Antonia Luiza Folgueira Gaio muitos filhos e filhas: dos que são mortos e estão sepultados no mesmo corpo da Igreja do Convento do Monte da Franqueira Fr. Miguel Caetano de Vasconcellos Carneiro, Cavalleiro de S. João de Malta e sua irmã Dona Violante Engracia de Vasconcellos.

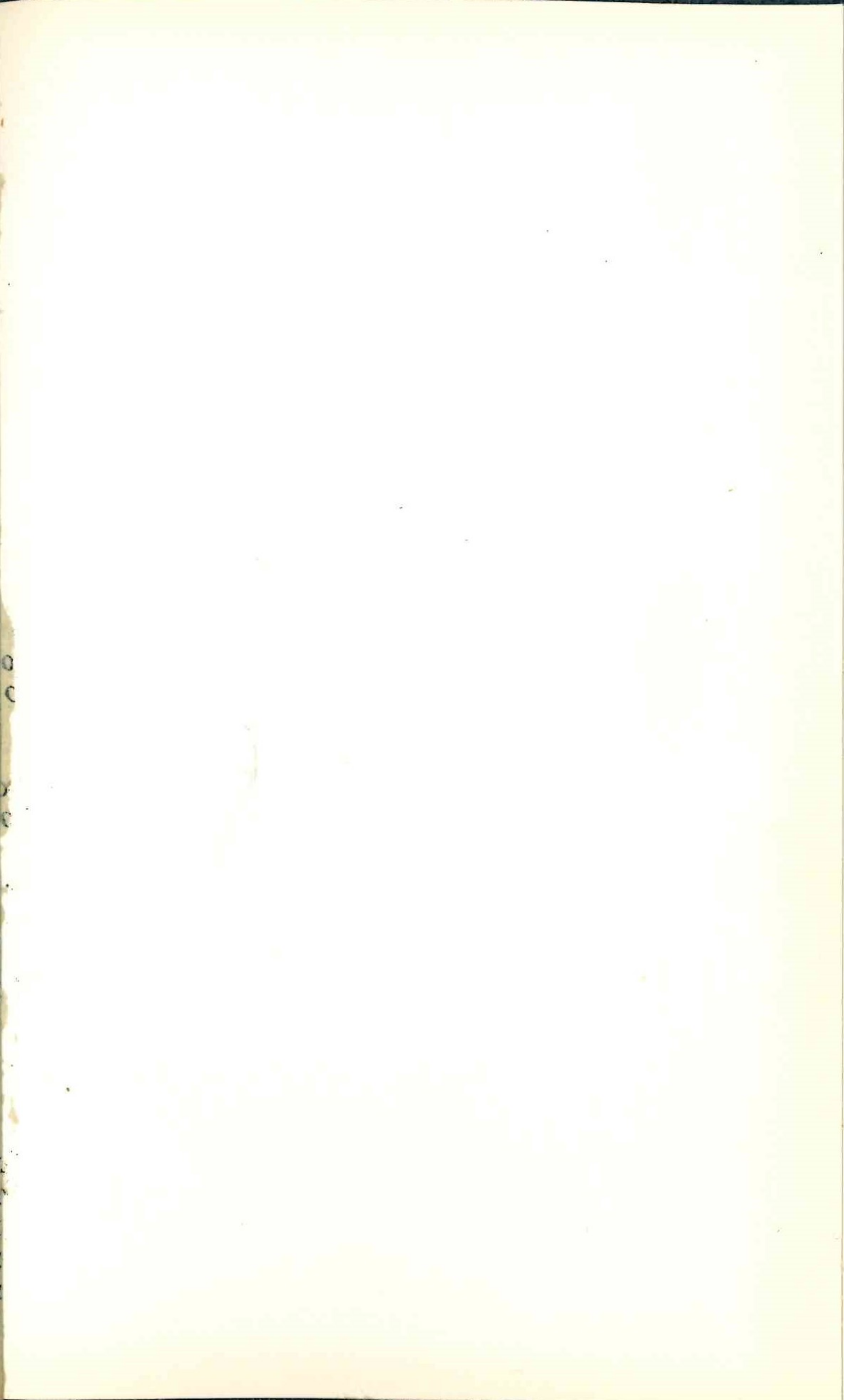
LIVRARIA--VALLE

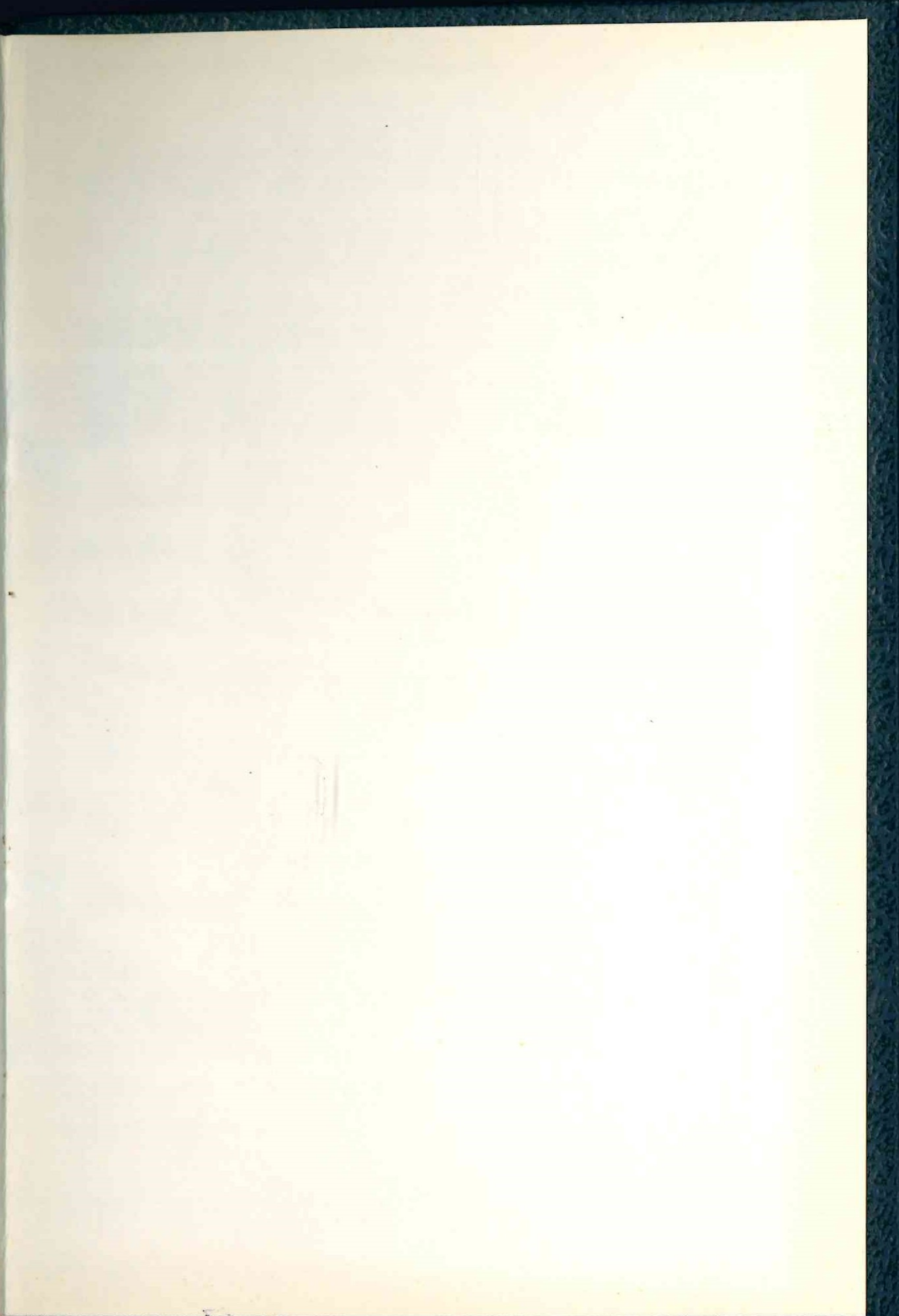
BARCELLOS

Compendio do Systema Metrico de pesos e medidas	160
Manuscripto Escolar	100
Elucidario orthographico, seguido do Diccionario de nomes proprios de homens e mulheres,	120
Cartilha da Infancia (doutrina christã) 1. ^a parte	40
Dita 2. ^a parte	40
Elementos de Chorographia portugueza	60
Compendio da Historia de Portugal	200
Exercicios Elementares de Leitura	60
Directorio para a confissão e Communhão dos me- ninos	40
Guia da Juventude Christã no caminho da Salvação	120
Miria Fallando ao Coração das Donzellas	300
Historia e milagres de N. Senhora de Lourdes	60
Meninos da 1. ^a Communhão em retiro. Tres cursos de exercicios preparatorios para a 1. ^a communhão	400
O Casamento dos Dous Finados	120
A Virtuosa Portugueza ou o modelo das mulheres christãs	20
Novenas de S. Sebastião, com meditações para todos os dias, do Menino Jesus e de S. José	60
Jesus Fallando á alma que deseja a perfeição	24

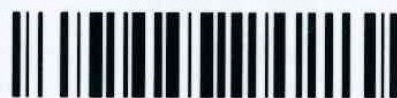
Obras de José Ramos Paz

O Meu Primeiro Livro (methodo para aprender a ler) a letra redonda e manuscripta ao mesmo tempo	40
O Meu Segundo Livro de Leitura	250
Tratado de Arithmetica	300
Grammatica Explicada	240
Algebra Facilitada	400





biblioteca
municipal
barcelos



43573

O monte da Franqueira